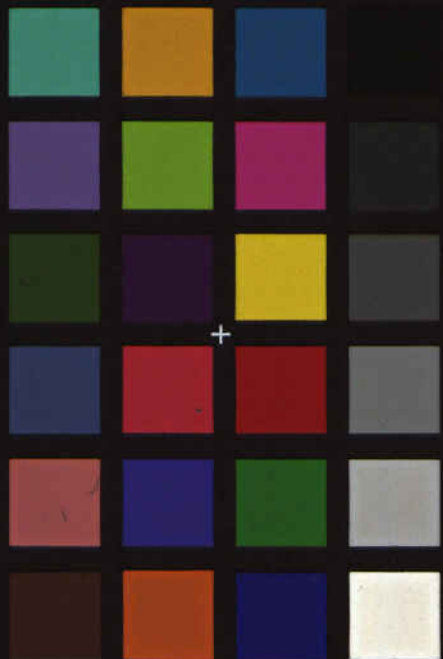


x-rite

colorchecker CLASSIC



LIVRO BRANCO BRITÂNICO N.º 2

## DOCUMENTOS

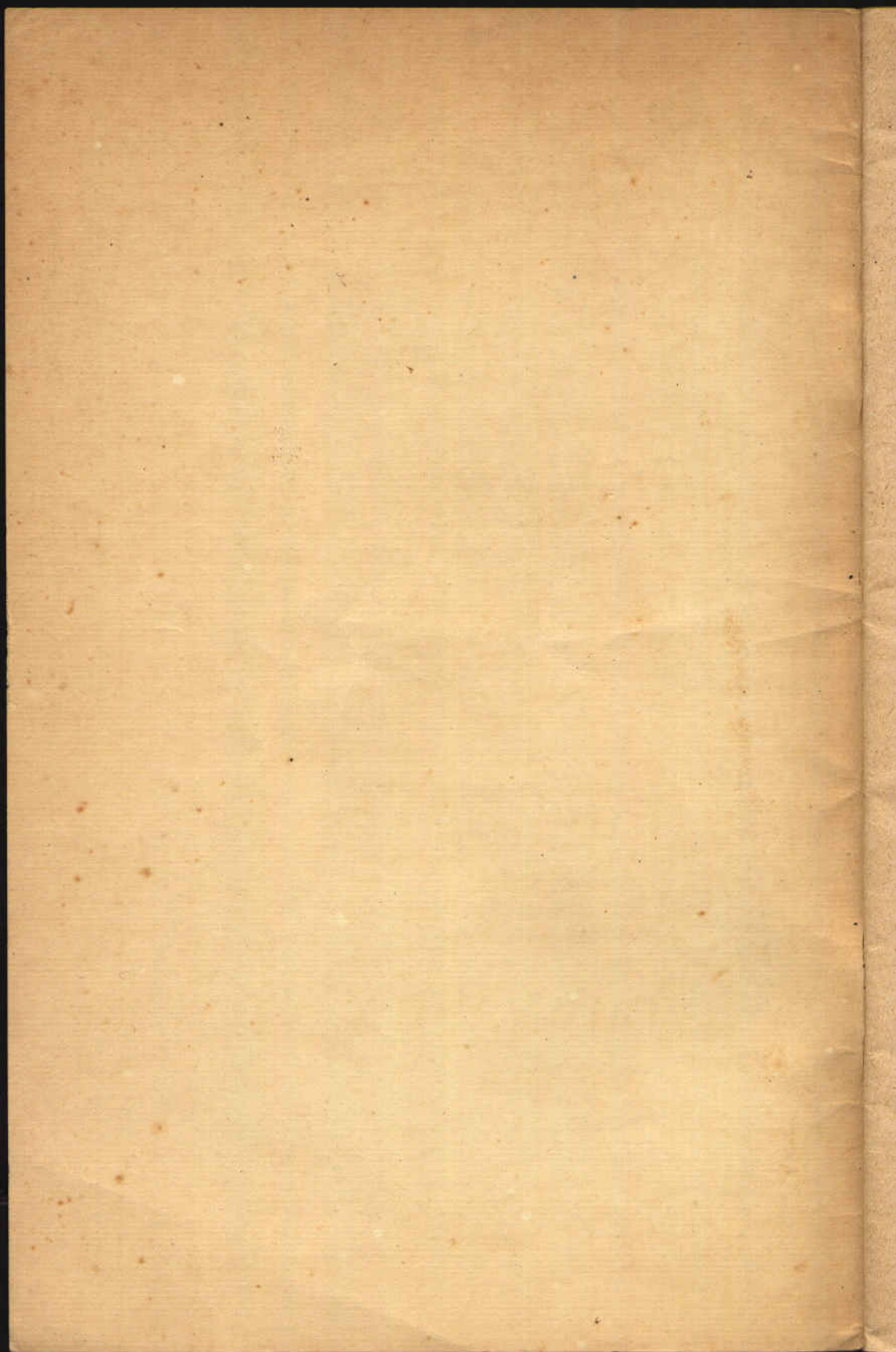
referentes ao

# Tratamento de Indivíduos de Nacionalidade Alemã na Alemanha

1938-1939

*Apresentados ao Parlamento por ordem de Sua Majestade  
pelo Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros*

TRADUÇÃO AUTORIZADA E OFICIAL DO LIVRO BRANCO N.º 2  
publicado por  
HIS MAJESTY'S STATIONERY OFFICE



# DOCUMENTOS

referentes ao

## Tratamento de Indivíduos de Nacionalidade Alemã na Alemanha

1938-1939

*Apresentados ao Parlamento por ordem de Sua Majestade  
pelo Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros*

TRADUÇÃO AUTORIZADA E OFICIAL DO LIVRO BRANCO N.º 2

publicado por

HIS MAJESTY'S STATIONERY OFFICE

## INDICE

No.		Pág.
	Introdução .....	3
1	De Sir N. Henderson (Berlim) ao Visconde Halifax, 3 de Março de 1938. Prisão do Dr. Niemöller .....	5
2	De Sir N. Henderson (Berlim) ao Visconde Halifax, 7 de Março de 1938. Repercussões do julgamento do Dr. Niemöller .....	5
3	De Sir N. Henderson (Berlim) ao Visconde Halifax, 25 de Maio de 1938, juntando uma carta duma mãe alemã .....	6
4	Do Consul-Geral Gainer (Viena) ao Visconde Halifax, 10 de Outubro de 1938. Manifestação contra o Cardeal Innitzer. ....	7
5	Declarações transmitidas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em 28 de Outubro de 1938. Declarações feitas por prêsos .....	9
6	Do Consul-Geral Gainer (Viena) ao Visconde Halifax, 11 de Novembro de 1938. Manifestações anti-judaicas após a morte de Herr vom Rath .....	15
7	Do Consul-Geral Bell (Colónia) a Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlim) 14 de Novembro de 1938. Manifestações anti-judaicas em Colónia .....	16
8	De Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlim) ao Visconde Halifax, 15 de Dezembro de 1938. Perseguições dos judeus; Campo de Concentração de Buchenwald etc. ....	20
9	Do Consul Geral Carvell (Munique) ao Visconde Halifax, 5 de Janeiro de 1939. Tratamento de prêsos judaicos no Campo de Dachau .....	25
10	Consul Shepherd (Dresden) a Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlim) 2 de Fevereiro de 1939. Condições do Campo de Buchenwald .....	27
11	Declaração dum ex-prêso do Campo de Buchenwald (transmitida ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em 18 de Fevereiro de 1939) .....	28

DOCUMENTOS REFERENTES AO TRATAMENTO DE INDIVÍDUOS DE  
NACIONALIDADE ALEMÃ NA ALEMANHA, 1938-1939.

INTRODUÇÃO

DESDE o começo da guerra, e mesmo antes, o Governo Alemão vem fazendo, quasi diariamente, propaganda contra a Grã-Bretanha, acusando-a, entre outras coisas, de ter praticado atrocidades na África do Sul... há quarenta anos. Uma notícia da imprensa, telegrafada de Durban em 27 de Setembro 1939, declara:

«Os nazis empregam agora uma locutora que desfia narrativas tetricas de atrocidades atribuidas aos ingleses durante a Guerra dos Boers. A locutora incita os *Afrikaaners* a revoltarem-se, perguntando-lhes pateticamente se estão dispostos a sujeitarem-se à dominação daqueles que nos campos de concentração durante a Guerra dos Boers deitavam vidro moído na comida dos prêsos. Seguem-se outras mentiras fantásticas que visam a excitar os ânimos. Pela telefonia vêm também histórias medonhas do tratamento infligido aos alemães pelos aliados, na guerra actual.»

Em vista do desaforo desta propaganda, que não tem fundamento algum, o Governo de Sua Majestade julgou oportuno publicar alguns dos relatórios recebidos sobre o tratamento aplicado na própria Alemanha a indivíduos de nacionalidade alemã. Em 1933, um grande número de pessoas pertencentes ao partido da opposição foram presas em massa e internadas em campos de concentração, onde foram tratadas com a maior brutalidade. O chicote e a tortura eram castigos vulgares e todos sabiam na Alemanha que o movimento Nacional Socialista estava tirando uma terrível desforra daqueles que ousavam opôr-se a êle.

Durante êste período de vingança e brutalidade, os nazis não pouparam os estrangeiros. O embaixador de Sua Majestade em Berlim, num officio de 29 de Novembro 1933 comunicava, baseando-se em informações recebidas da legação Czecho-Eslovaca, que desde a implantação do novo regime houvera 344 casos de ataques ou prisões de cidadãos czecho-eslovacos. Súditos britânicos, incluindo um membro do pessoal da embaixada de Sua Majestade, foram atacados sem provocação nas ruas por homens da S.A. fardados que estavam de serviço. Entre outras vítimas da S.A. figurava um consul geral estrangeiro que foi bastante maltratado por um grupo de homens uniformizados que saíram duma coluna em marcha para o atacar.

A atitude tomada nessa época pelo Governo alemão era que lamentava tais excessos e prometia acabar com êles, mas que era im-

possível evitá-los nos primeiros momentos de ardor revolucionário.

Este argumento é claramente inadmissível em relação a acontecimentos ocorridos 5 anos após a subida do partido Nacional Socialista ao poder. Pelos documentos publicados que abrangem apenas o período a partir de 1938 é evidente que nem a consolidação do regime nem o decorrer do tempo atenuaram de qualquer forma a selvajaria dos métodos empregados.

Estes documentos não foram escritos para publicação, e mesmo enquanto havia a mais ténue esperança de se chegar a um acôrdo com o Governo alemão não era aconselhável tomar qualquer medida que pudesse prejudicar as relações entre os dois países.

Mesmo depois do começo da guerra o Governo de Sua Majestade hesitou em empreender qualquer acção que tivesse o efeito de estimular ódios. Mas a atitude do Governo alemão e a propaganda sem escrúpulos a que êle se dedica, obriga o Governo de Sua Majestade a publicar êstes documentos para que a opinião pública tanto neste país como no estrangeiro possa formar o seu critério. O Governo alemão tem-se queixado do mau tratamento das minorias alemãs em países estrangeiros e das «condições macedónicas» que imperam nêsses países. Pelos documentos agora publicados chega-se à conclusão que, sob o regime actual, as condições na Alemanha e o tratamento aplicado aos próprios alemães lembram não a Mácédónia mas as épocas mais escuras da barbárie.

*De Sir N. Henderson ao Visconde Halifax*

Meu Lord,

TENHO a honra de o informar que segundo um comunicado oficial de 3 de Março a sentença do julgamento do Dr. Martin Niemöller, iniciado em 7 de Fevereiro, foi pronunciada em 2 de Março. O Dr. Niemöller foi condenado a 7 meses de detenção numa fortaleza («Festungshaft») e a multas num total de 2.000 reichsmarks por perturbar a ordem, uso indevido do púlpito e incitamento a desobediência às leis do Governo alemão. O não-pagamento da multa importará um período adicional de 3 meses de prisão.

2 — Esta é a primeira vez que a Imprensa se refere ao caso e todas as pessoas que tomaram parte no julgamento foram obrigadas a tomar um compromisso de sigilo.

3 — Em condições normais o Dr. Niemöller teria sido posto em liberdade mediante o pagamento da multa; mas consta que o Dr. Niemöller está detido, a título de prevenção, pela policia secreta, principalmente porque durante o julgamento declarou explicitamente que tencionava continuar as suas actividades. Receava-se portanto que êle em breve tempo repetisse os actos pelos quais foi processado.

4 — Segundo as informações que tenho, o Dr. Niemöller não foi transferido para um campo de concentração mas está actualmente numa prisão de Berlim.

Tenho a honra, etc.,  
NEVILLE HENDERSON

N.º 2

*De Sir N. Henderson ao Visconde Halifax*

(Por telegrama).

Berlim, 7 de Março de 1938.

O ambiente aqui está muito carregado e em Berlim correm boatos de toda a espécie, tais como: que o general von Fritsch foi fuzilado, que se realizaram prisões em massa, que se vai efectuar um grande julgamento político, etc.. Não tenho confirmação de qualquer destes rumores nem motivos para acreditar neles, sabendo apenas que Herr Hitler está muito nervoso e excitado. Durante a minha conversa com êle em 3 de Março tive a impressão que não estava satisfeito com o resultado do julgamento de Niemöller. Declarou que o homem era um traidor e que aquêles que simpatizavam com êle iriam parar a um campo de concentração. A Inglaterra, acrescentou êle irado, não podia fazer criticas, visto terem sido os ingleses que inventaram os campos de concentração. Niemöller gosa de bastante simpatia em muitos círculos, e oficiais uniformizados têm tomado parte nos serviços religiosos por intenção da sua libertação. É possível que tenham sido presas pessoas conhecidas como partidárias de Niemöller.

*De Sir N. Henderson ao Visconde Halifax*

Caro Secretário de Estado,

Berlim, 25 de Maio de 1938

Recebi uma carta sôbre a questão religiosa, na qual a remetente pede que as suas observações sejam transmitidas a v.

Como a carta tem um certo interesse por reflectir a attitude de muitos pais alemães, junto uma tradução para v., quando passarem os presentes alarmes, a lêr se tiver tempo.

Creia-me etc.

NEVILLE HENDERSON

Anexo ao N.º 3

(Tradução).  
Excelência,

21 de Maio de 1938.

Nesta carta eu empreendo uma coisa muito difficil:

- 1 — Faço um apêlo a uma potência estrangeira, pedindo auxilio para a resolução dum problema particular do povo alemão.
- 2 — Escrevo sem mencionar o meu nome.

As cartas anónimas merecem ser lançadas no cesto dos papéis, mas como V. Ex.<sup>a</sup> conhece a situação actual na Alemanha quanto à censura das cartas, pressão moral, campos de concentração, e outros métodos, espero que ouça este meu apêlo a-pesar-do anonimato.

O meu pedido é que a Inglaterra, que é ainda o país mais forte da Europa e que procura conservar o seu carácter Cristão, imponha em tôdas as negociações futuras com a Alemanha a condição da cessação das medidas contra o Cristianismo.

A primeira condição, para se pôr termo ao actual conflito, deve ser a libertação dos nossos pastores que estão prêsos, especialmente o Pastor Niemöller cuja sorte deve causar muita tristeza a tôdas as pessoas que amem a justiça.

Mas ainda mais importante me parece a condição de se acabar com o afastamento sistemático da nossa mocidade dos ensinamentos de Cristo.

Nós, os pais, somos obrigados a ceder os nossos filhos, quando êles têm 10 anos, à Mocidade Hitleriana ou à Liga das Raparigas Alemãs, e mais tarde, aos Serviços de Trabalho. Os rapazes de intelligência excepcional são enviados para as Escolas de Adolfo Hitler e mais tarde para as Escolas Nacionais Socialistas de Preparação Política («Ordensburgen») onde recebem instrução que os habilitará a exercerem futuros cargos de responsabilidade, do Estado e do Partido. Em tôdas estas instituições há muito de excelente e que nós, os pais, aceitamos com júbilo e gratidão. Mas tôdas elas têm também o efeito de voltarem os nossos filhos contra o Cristianismo!

Talvez seja possível transmitir à vossa estimada Rainha esta carta,



que embora anónima, expressa o modo de pensar de tôdas as mãs cristãs. Como cristã e como mãi a Rainha compreenderá a ansiedade em que estamos pela situação dos nossos filhos.

Não é exacto afirmar, como fiz acima, que a questão em causa é um assunto particular do povo alemão; se no centro da Europa as novas gerações fôrem educadas num ambiente, não só de indiferença para o Cristianismo mas muitas vezes de verdadeiro ódio, o futuro será desastroso tanto para a Alemanha como para a Europa inteira.

No momento actual as antigas tradições cristãs dos avós e dos pais têm ainda uma acção moderadora — mas aí da Alemanha e aí da Europa quando essas tradições já não existirem!

Excelência, muitas mãs alemãs ser-lhe-fam gratas do fundo do seu coração se transmitisse êstes dizeres ao seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, que foi educado dentro do espírito do Cristianismo, e se fôr possível também ao vosso Rei e Rainha cristãos. Contamos com o auxílio de Inglaterra na nossa dura luta contra as forças inimigas do Cristianismo que ameaçam os nossos pastores e a nossa mocidade.

MÃI ALEMÃ, CUJOS SENTIMENTOS SÃO  
PARTILHADOS POR MUITÍSSIMOS PAIS CRISTÃOS.

N.º 4

*Do Consul Gainer ao Visconde Halifax*

O Consul Geral de Sua Majestade em Viena apresenta seus cumprimentos ao Principal Secretário do Estado de Sua Majestade para os Negócios Estrangeiros e tem a honra de lhe transmitir uma cópia do officio que dirigiu ao Embaixador de Sua Majestade em Berlim com data de 10 de Outubro, respeitante às manifestações católicas e anti-católicas em Viena.

*Viena, 10 de Outubro de 1938.*

Anexo ao N.º 4

*Do Consul-Geral Gainer a Sir N. Henderson*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor,

*Viena, 10 de Outubro de 1938.*

TENHO a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que na tarde de sexta-feira 7 do corrente foi prêgado um sermão pelo Cardial Arcebispo Innitzer na Catedral de Santo Estevão em Viena.

Depois do sermão um numeroso grupo de jovens fez uma manifestação defronte do palácio do Cardial, gritando «Viva Cristo!», «Viva Innitzer!». O Cardial appareceu várias vezes na varanda do palácio para receber as saudações dos manifestantes.

2. É esta a primeira ocasião desde o *Anschluss* que se realiza qualquer manifestação pública católica em Viena, e como era de esperar, organizou-se imediatamente uma contra-manifestação. Porém esta tomou uma forma muito violenta e deu lugar a uma situação que é de veras grave.

3. Na noite de sabado, 8 do corrente, por volta das 19.30, numerosos jovens pertencentes à S.A. e H.J., não uniformizados, começaram a chegar, em grupos de cinco, a Stephansplatz, com escadas e armados de *casse-têtes*. As escadas foram arrimadas contra o palácio do Cardial e os rapazes penetraram no 1.º andar do prédio depois de partirem tódas as janelas. Dentro das salas destruíram todos os quadros religiosos, sem tocar nos outros, quebraram os bustos de vários papas, roubaram cálices valiosos e três aneis episcopais e em seguida reuniram os paramentos e mesmo o vestuário pessoal do Cardial e atiraram-nos para o pátio com várias peças de mobília, fazendo de tudo uma fogueira. O Cardial fugiu para o sotão protegido pelos seus criados e não foi descoberto. Um sacerdote ao seu serviço que procurou deter os assaltantes foi maltratado e por pouco não foi arremessado fora da janela, ficando muito ferido nas mãos e nos braços pelos estilhaços de vidro. Foi feito um ataque semelhante à residência e aos funcionários do Deão da Catedral, e nessa altura um padre foi arremessado pela janela, quebrando ambas as pernas.

4. A polícia, chamada pelo telefone sete vezes pelo pessoal do palácio, chegou três quartos de hora depois do primeiro pedido de socorro. Quando a polícia apareceu, o chefe dos atacantes fez soar um apito e todos êles formaram em coluna e assim saíram da praça sem intervenção da polícia, a qual se limitou a conter em respeito a multidão irada que se tinha juntado. Foram chamados os bombeiros para apagar a fogueira e uma ambulância recolheu os padres e outros funcionários feridos do palácio do Cardial. Hoje a S.A. está de posse do palácio, que o Cardial ainda ocupa. A entrada é rigorosamente proibida. O chefe dos assaltantes era um rapaz de 16 anos.

5. Êstes factos foram comunicados por um padre que visitou hoje a casa do Deão e pôde avaliar os prejuízos.

6. Consta que o Nuncio Papal chegou a Viena vindo de Berlim para fazer um inquérito mas que não teve licença para falar com o Cardial.

7. Foi convocada uma reunião de todos os priores das freguesias de Viena para as 17 horas de hoje e espera-se que sejam dadas instruções para a leitura duma carta de protesto em tódas as igrejas paroquiais no próximo domingo.

8. Foram apresentadas enérgicas reclamações ao Gauleiter Bürchel que manifestou o seu pesar ao Cardial e prometeu que os responsáveis seriam castigados severamente, mas a verdade é que tal acção só motivaria novas dificuldades entre Herr Bürchel e os corpos locais do Partido.

Tenho a honra, etc.  
D. ST. CLAIR GAINER.

*Declaração feita em 28 de Outubro de 1938 ao Ministro dos Negócios Estrangeiros Britânico por uma Associação de Beneficência que trabalhava na Alemanha.*

(a) *Declaração dum ex-prisioneiro judaico — Agosto de 1938*

(Tradução)

HERR X, abastado comerciante judeu, esteve durante 6 semanas no campo de concentração de Buchenwald. Para se manter um simulacro de legalidade, os registos da policia são agora compulsados e qualquer circunstância em desabono dum judeu (às vezes um delicto insignificante cometido há 40 anos) serve de pretexto para uma ordem de prisão.

Herr X disse que era obrigado a trabalhar 16 horas por dia, mesmo aos domingos. Durante estas horas estava proibido de beber água mesmo quando fazia um grande calor. A alimentação não era má mas muito à quem do suficiente. Café fraco de madrugada, meio litro de sopa ao meio dia; ração de pão para todo o dia, 250 gramas. (Os prêsos que tinham algum dinheiro podiam às vezes comprar na cantina leite condensado e outros alimentos.)

Durante o período em que esteve prêsos, o trabalho dos prisioneiros judeus foi dobrado e as rações reduzidas a metade. O trabalho consistia em deslocar pedregulhos, o que muitas vezes ia além das forças dum homem normal bem alimentado. Os guardas escarneciam os judeus e diziam-lhes que estavam apenas sofrendo o mesmo tratamento que os seus antepassados no Egipto, e que Faraó não tinha sido bastante severo.

Obrigavam os prêsos a estar perfilados em sentido durante muitas horas. Ser açoitado era um castigo freqüente mesmo para faltas insignificantes como a de beber água durante o trabalho. O castigo usual era de 25 vergastadas dadas alternadamente por dois guardas. Os prêsos muitas vezes perdiam os sentidos, mas os guardas afirmavam que o próprio Führer tinha dado ordens para os judeus receberem até 60 vergastadas.

Herr X pertencia a um grupo de 480 prêsos. Para beberem e para se lavarem tinham uma única torneira de água. Era-lhes concedido um quarto de hora para a *toilette* da manhã. Mais tarde até isto foi proibido. Durante as 6 semanas que permaneceu no campo, Herr X não viu nem sabão nem escovas de dentes.

Nessa altura o campo tinha 8.000 prisioneiros mas constava que o número seria elevado em breve a 20.000. Havia 1.500 judeus e 800 *Ernste Bibelforscher* (Estudantes Internacionais da Bíblia.) Os restantes eram prêsos políticos, pessoas acusadas de vários crimes e ciganos. Cada recluso tinha um distintivo — os judeus, amarelo com a estrêla de David, os Estudantes da Bíblia, violeta etc.. Os comunistas e outros que estavam presos há muito tempo exerciam as funções de guardas suplementares. Os prisioneiros judeus podiam escrever e receber cartas duas vezes por mês. Os Estudantes não tinham comunicação com o ex-

terior mas por outro lado não lhes reduziram as razões. Herr X expressou grande admiração por estes Estudantes. A sua coragem e fé religiosa eram extraordinárias; estavam prontos a suportar todos os sofrimentos pois consideravam que Deus lhos tinha impôsto.

As mortes sucediam-se diáriamente no campo. (Muitas vezes os parentes só tinham conhecimento da morte dum prêso pela visita dum funcionário que lhes participava que receberiam as cinzas do falecido mediante o pagamento de 3 marcos.) Herr X, homem de mais de 60 anos de idade, ficou numa tal debilidade depois de ser libertado que teve de ficar três semanas de cama. Um outro homem foi transportado para o Hospital Municipal com uma temperatura tão elevada que ninguém esperava que elle visse, e um terceiro, solto ao mesmo tempo, tinha os nervos num tal estado que não era capaz de atravessar uma rua sozinho.

Herr X declarou, e este facto foi plenamente confirmado por investigações subsequentes, que nenhum prêso judeu é solto sem primeiro apresentar provas de que tem meios de sair da Alemanha. Parece que só a morte pode pôr termo a esta tortura sistemática do corpo e do espirito. Herr X pede com instância que se concerte um plano para transferir estes homens em massa para qualquer campo de concentração humanitário noutro país, enquanto se decide o destino a dar aos vários internados. Elle reconhece que o projecto é duma tal envergadura que não pode ser empreendido por comissões particulares de refugiados e que o problema deve ser largamente estudado. Tem esperança porém que o seu alvitre mereça simpatia e atenção.

---

B) *Declaração dum prêso Judaico-Cristão*

(Tradução)

HERR Z tinha um pequeno negócio na Alemanha, com três empregados. Foi prêso em Junho de 1938, sem razão ou pretexto, numa rusga realizada nas ruas de Berlim. Não houve nem ordem de prisão nem, mais tarde, documentos de soltura. Levado para a prisão da Praça de Alexandre, foi metido num calabouço onde estavam 32 homens e que era tão pequeno que ninguém se podia deitar. Sentavam-se por turnos no chão enquanto os outros permaneciam de pé. Como latrina, havia apenas um balde, o que produzia um cheiro nauseabundo. Permaneceu dois dias nesta cela. Antes do encarceramento os prêsos tinham sido interrogados na esquadra da policia quanto ao seu cadastro, e foram obrigados a assinar documentos concordando com a sua «detenção preventiva.» Tiveram também que entregar o que tinham nas algibeiras. Cerca de 3.000 homens, vindos de 15 esquadras, foram transportados em camions para a estação de caminho de ferro e metidos num comboio especial, sem indicação do destino. Era proibido falar. Chegada a Weimar às 6.30. Recepção por membros da S.S. com insultos e pancada: «Cãis e patifes de judeus, agora estão em nosso poder!»

Talvez três ou quatro por cento dos prêsos eram arianos e havia alguns ciganos. Levados da estação em camions sob a direcção do Comandante de Campo Schneider. Hora e meia de viagem para Buchenwald. Condições pavorosas no Campo. Lama e detritos até aos joelhos em certas partes. Muitas árvores tinham sido cortadas mas os cepos ainda estavam por arrancar. Andar, quasi impossível. Um cardíaco que não pode andar é arrastado pelos pés pelos outros prêsos (os homens da S.S. consideram os judeus como entes nos quais nem se pode tocar). Fica sem vários pedaços da pele da cara e desfigurado ao ponto de não ser reconhecível. (Há outros exemplos parecidos com este). Trezentos e cinqüenta dos recémchegados ficam na cave da caserna. (Em todo o Campo há cerca de 1.000 homens, 100 sacos de palha e nenhuma outra mobília.) Três homens para cada saco em 4 filas. Obrigados a deitarem-se de lado e obliquamente para poupar espaço; ficam como sardinhas; é proibido deitarem-se de costas, o que é castigado a cacête («Knuppel»). Os encarregados directamente da vigilância são os prêsos mais antigos. Estes «Superiores Negros» classificados como «criminosos profissionais» dormem connosco. A sua palavra é lei a que não se pode desobedecer.

A nossa chegada houve uma chamada geral que durou horas, e umas palavras do Comandante, que estabeleceu as normas para a nossa «recepção».

Regulamento do Campo: isto não é uma prisão nem um lugar de correcção; os métodos aqui são diferentes. Qualquer tentativa de evasão ou ataque (simples altercação ou gesticulação podem ser consideradas como tal) é impedida por um cabo eléctrico de 1.000 volts. As sentinelas têm ordem para disparar se alguém se aproximar delas. Cada bala custa 12 *pfennigs* que é quanto vale um judeu, nem mais nem menos. Tudo isto acompanhado de insultos: «suínos judeus» «o Povo escolhido, o Povo de Deus, estrume judeu, porco sujo,» etc.; (mas depois de alguns dias a gente acostuma-se a isto.) O representante do Comandante faz a chamada e nomeia os encarregados. Os primeiros dias são ocupados com chamadas, distribuição de vestuário (botas militares, calças e casacos mas não roupa de baixo.) O fato assenta sôbre a pele. Todos tremem com frio. Buchenwald fica a uma altitude elevada. Depois de 10 dias recebemos roupa de baixo.

Horário: alvorada, 3.30 (os presos recolhem às 22 horas mais ou menos,) ar empestado, cheiro horrível; a água infiltra-se pelas pequeníssimas janelas da cave; formatura às 4.30. Distribuição de café às 4.45 na parada onde está a força e os pelourinhos para as chibatadas. Anteriormente a este relatório o corpo dum recluso que assassinára um dos guardas da S.S. esteve em exposição. O carrasco é um criminoso profissional que tem agora a categoria de «veterano». A saüdação vulgar alemã é rigorosamente proibida no acampamento. A nossa saüdação consiste em perfilar-mo-nos, de barrete na mão, emquanto as ordens nos são dadas. A chamada termina às 5.30 e até essa hora os prêsos estão em sentido debaixo de forma. Os que deram parte de doente avançam e são examinados pelo Comandante. Os que êle acha que estão bem, recebem logo ali, do Comandante, defronte dos outros uma chicotada na cara. «Os judeus não adoecem.» O Comandante decide a ôlho quem deve ser visto pelo médico. Talvez 6

a 7 por cento vão ao médico, e os outros voltam para o pelotão de trabalho. Aí não há diferença entre os que estão bem e os que se sentem doentes; estes últimos são tratados a pontapé e a cavalo marinho. Os que são examinados pelo médico são divididos em duas categorias: «doentes» e «aptos para o trabalho.» Os segundos, à noite, recebem castigo por «terem mentido.» Por fim não se dava baixa aos judeus por doença; só podiam estar «aptos para o trabalho» ou mortos. Durante a chamada muitos homens não podem manter-se em pé, mas têm de ser amparados pelos seus companheiros de infortunio, mesmo os que estejam completamente esgotados, de forma que não haja vagas nas fileiras. O trabalho consiste em quebrar pedras para uma estrada a um quarto de hora de distância do local das obras. Está fora do acampamento mas dentro do recinto electrizado. Às vezes há tentativas de evasão mas acabam sempre com tiros. Muitos prêso põem termo aos seus sofrimentos simulando uma fuga só para serem abatidos a tiro. Em toda a parte há sentinelas. Um grupo de «coxos» ou seja, prêso com pernas de pau ou hérnias (às vezes quando perdem as fundas, as hérnias saiem horrivelmente fora do seu lugar) é obrigado a deslocar pedregulhos consoante as ordens do guarda. Neste grupo estavam velhos de 70 anos inteiramente inaptos para esse trabalho. Houve um caso em que a sentinela espicaçou com a baioneta um homem que estava doente e que de vez em quando caia de fraqueza. Depois de isto acontecer várias vezes o homem deitou a correr para o cabo eléctrico para acabar com a vida e foi abatido a tiro. O percurso de um quarto de hora da pedreira para a estrada era feito 12 ou 15 vezes cada manhã e umas 8 vezes à tarde pelos que estavam «aptos para o trabalho»; os «coxos» faziam metade deste trajecto.

Cada grupo de quatro homens da classe dos são tem a seu cargo uma vagoneta que é mister carregar com grande pedregulhos e muitas vezes o trabalho é feito a correr. Ai de qualquer que tropeçe. Um prêso que não esteja à altura do trabalho apanha pancada do capatáz e ainda por cima dos guardas, que empregam as coronhas das suas armas. Todos estes funcionários, por medo dos superiores, castigam com grande severidade. É rigorosamente proibido beber água durante o trabalho. O prêso que indevidamente dê parte de doente, que «minta,» que não «queira trabalhar,» é punido a chicote. Às 11.30 há um intervalo (se bem que às vezes o trabalho se prolongue até às 19 horas, sem qualquer refeição.) A faina recomeça às 12.30 e continua até às 15.30. Às 16 horas faz-se a chamada a qual dura geralmente até às 17.30; no caso dos judeus, dura às vezes até às 22. A maneira como eles distinguem os judeus dos não-arianos não se compreende muito bem. Ai do «não-ariano» que por engano seja encontrado entre os arianos! Os judeus são obrigados a usar a estrêla de David conjugada com vários distintivos: vermelho, para «criminoso profissional»; preto, para «renitente ao trabalho»; lilás, para «piolho bíblico». Um prêso pode ser obrigado a assinar uma declaração de que é um «criminoso profissional» o que é arquivado no ficheiro (do outro lado da ficha indicam a verdadeira profissão.) Coitado daquêle que se recusar a assinar a declaração! Amarelo é a côr de judeu e tem que se usar conjuntamente com o outro distintivo. O castigo das chibatadas realiza-se na chamada da tarde. Os indigitados para castigo saiem da forma-

tura e as penalidades são então lidas em voz alta. O castigo normal é de 25 vergastadas nas nádegas, aplicado por dois guardas com um cavalo-marinho. O prêso é atado a uma tábua. Se êle grita o número de açoites é aumentado para 35. Os guardas empregam tôda a força; às vezes até saltam para descarregarem um golpe mais violento. Poucos dias passam sem êstes espectáculos, variando o número de castigados de 2 a 10. Depois dos açoites os homens têm que ficar em sentido, de cara para o muro, até o fim da chamada. Vem então o enfermeiro e põe pomada nas feridas.

O outro castigo é de ficar pendurado a 3 metros do solo, pelos braços, que são virados para trás com violência. Esta pena é aplicada por ordem expressa do comandante, que a dá pelo microfone. Há uns funcionários especiais para êstes castigos. A suspensão pode durar 10 a 12 horas e é pública. Uma variante desta pena é pendurar um prêso numa árvore, com os braços em volta do tronco e os punhos algemados. Êste castigo é considerado mais brande e pode ser infligido em qualquer ocasião pelos agentes da S.S.

À noite não há ócios, mas as condições são melhores. Às vezes há interrogatórios por parte da polícia do Estado, mas sem brutalidades; de 15 em 15 dias os internados podem escrever à família, a não ser que isso tenha sido proibido. Mas como não podem dizer coisa alguma sôbre as verdadeiras condições, as famílias ignoram como êles vivem. Herr Z só esteve no Campo 14 dias, mas conta os seguintes casos ocorridos nêsse curto prazo: um prêso fôra condenado a estar voltado para a parede e, ao cabo de 3 horas mais ou menos, como é inevitável, os seus ombros e membros começaram a descair com a fadiga, pensando êle que não era observado. Um guarda reparou que êle não estava na posição de sentido e agarrando-o pelo pescoço bateu-lhe com a cara várias vezes contra o muro de pedra (a superfície da pedra era muito aspera.) O sangue do prêso jorrou pelo muro abaixo. O guarda teve então um acesso de fúria: «Seu porco, que está a sujar o muro!» gritou êle, e atirando-o ao chão, desancou-o sem piedade. Herr Z recebeu que o homem ficasse morto, mas lá conseguiu sobreviver.

Deu-se um caso pior com um homem de meia idade que recebeu uma carta afectuosa de sua mulher. Era uma pessoa educada que se sensibilizava facilmente e não conseguia manter o aspecto duro e impassível que se requere dos prêsos. Não pôde conter um gemido e por isso foi amarrado à árvore por 14 horas. Perdeu os sentidos. Dois guardas passaram: «Ah! êste já está morto!» Soltaram-no e atiraram o corpo para o chão. Em seguida começaram a pisá-lo com as suas botas pesadas; o prêso teve um movimento. «Ah! então não está completamente morto!» Herr Z nessa altura teve que se afastar; mas na primeira vez que tornou a ver o homem, o peito e a cara dêste eram uma pasta de sangue e tinha os olhos inchados e roxos. Além disso enlouquecera. Na chamada tinha que ser amparado por dois prêsos, um de cada lado. Mas a cabeça pendia-lhe para a frente e êle tinha movimentos espasmódicos e convulsivos. A noite começou repentinamente aos gritos e procurou fugir por cima dos outros prêsos que estavam apinhados no chão. Veio então a ordem que de futuro os dois prêsos que dormiam ao lado dêle ficavam responsáveis pelo seu com-

portamento e que se êle tornasse a gritar, êles, os colegas, apanhariam cada um 25 chicotadas.

Os guardas da S.S. empregados neste Campo eram na maior parte jovens entre os 17 e 20 anos que tinham sido treinados especialmente para êste serviço. Eram duma tal brutalidade sádica que Herr Z perguntava a si mesmo como é que se podia chegar aquêl estado e o que é que pensariam as mãis de tais filhos. Pareciam comprazer-se em infligir torturas. As vezes faziam cócegas na cara dum prêso com uma palha e quando êle se mexia davam-lhe uma tremenda bofetada. Uma outra diversão sádica constava do seguinte: um velhote que era advogado e que tinha feições judáicas muito acentuadas, era obrigado a estar de pé em cima dum muro 6 a 8 horas como se fôsse uma estátua. Todos os que passavam riam-se da pilhéria. Noutra ocasião um dos guardas perguntou-lhe se sentia calor e quando o advogado disse que sim vazaram-lhe 10 baldes de água pela cabeça.

Herr Z teve uma vida relativamente fácil no Campo, o que êle atribuiu ao poder da oração, que o habilitou a dominar o mêdo. É preciso uma considerável resistência física e um potêncial nervoso elevado para executar com alacridade tôdas as exigências dos guardas, para dar conta de trabalhos violentos e sofrer provas físicas sem excitação ou movimento instintivo de repugnância. Qualquer sinal de fraqueza excita os instintos sádicos dos guardas. Quando um homem cái, dão-lhe com a bota na cara. Herr Z pedia a Deus que deixasse morrer as vítimas pois as torturas sucediam-se umas às outras. Seria mais simples e mais misericordioso ter morto alguns prêsos a tiro do que prolongar indefinidamente a agonia das vítimas e conservar vidas que para todos os efeitos já estavam acabadas.

O Campo tinha cerca de 10.000 prisioneiros, metade dos quais eram judeus (e alguns Estudantes Bíblicos). Havia muitas mortes por dia.

Herr Z só permaneceu 14 dias no Campo. Pertencia a um pequeno número que foi solto porque já estavam completados todos os preparativos para a sua emigração. Mas os presos que apresentassem cicatrizes não tinham esperanças de sair.

No acto da soltura os indivíduos eram ameaçados de que se dissessem uma palavra só do que tinham visto ou do seu tratamento, voltariam imediatamente para o Campo. Herr Z requerera licença para ficar algumas semanas na Alemanha para completar a venda dos seus haveres. Deram-lhe a entender que se não saísse imediatamente do país tornaria a ser prêso. Um pastor alemão instou a seu favor junto do Consul britânico do pôrto e Herr Z recebeu o visto que o habilitava a sair imediatamente do país. Com o produto da venda do seu automóvel comprou o bilhete para a América do Sul. Mas teve de liquidar o seu negócio, e uma taxa de 100 % sôbre todos os bens adquiridos desde 1933 fez com que êle não pudesse levar consigo a maior parte dos seus haveres, inclusivé muitos instrumentos da sua profissão. Saiu da Alemanha com 10 marcos em dinheiro.

Herr Z combatera na guerra. Porém as trincheiras, comparadas aos Campos de Concentração, eram um verdadeiro sanatório.



*Do Consul-Geral Gainer ao Visconde Halifax*

O Consul-Geral de Sua Majestade em Viena apresenta seus cumprimentos ao Principal Secretário do Estado de Sua Majestade para os Negócios Estrangeiros e tem a honra de lhe transmitir uma cópia do officio que mandou ao Encarregado de Negócios de Sua Majestade em Berlim, com data de 11 de Novembro de 1938, com respeito às demonstrações anti-judáicas na Austria após a morte de Herr vom Rath, secretário da embaixada alemã em Paris.

Viena, 11 de Novembro de 1938.

---

Anexo ao N.º 6

*Do Consul-Geral Gainer a Sir G. Ogilvie-Forbes*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor,

Viena, 11 de Novembro de 1938

Tenho a honra de comunicar que as manifestações anti-judáicas em Viena, ocasionadas pelo assassinio de Herr vom Rath, secretário da embaixada alemã em Paris, tomaram proporções alarmantes na noite de 9 do corrente e durante todo o dia 10.

2. — Os actos foram praticados pela S.A. Austriaca, aparecendo os seus membros quasi todos fardados; era evidente que a policia recebera instruções para não intervir. Um grande número de lojas e casas pertencentes ou ocupadas por judeus foram atacadas e muitos dos inquilinos foram presos. Ontem de manhã numerosas Casas de Oração dos judeus e Sinagogas foram incendiadas; o Völkischer Beobachter dá pormenores de nada menos de 19 sinagogas que foram completamente destruídas pelo fogo. Uma outra, na Leopoldgasse, foi demolida por uma bomba que também causou bastantes prejuízos nos edificios vizinhos. Tôdas as brigadas de bombeiros de Viena estiveram sempre ocupadas, pois numa ocasião parecia haver perigo dos incêndios alastrarem.

3. — Os jornais proclamam abertamente o seu júbilo e felicitam o povo pelo facto dos judeus não poderem agora conspirar contra o Estado escudados por cerimónias religiosas.

4. — Além desta orgia de destruição tôdas as lojas dos judeus foram obrigadas a fechar e ainda não tiveram licença para reabrir. Montas grandes e pequenas foram estilhaçadas e os interiores saqueados pela turba. O Gauleiter Bürckel procurou dar uma certa legalidade a esta acção anti-judáica emitindo ordens para as casas ocupadas pelos judeus serem revistadas, na hipótese de terem armas e publicações proibidas, e no decurso dessas visitas fizeram-se muitas prisões.

5. — A consequência immediata destas manifestações foi os judeus formarem bichas ainda maiores que as de costume à porta dêste Consulado Geral e do dos Estados Unidos. No dia 9 do corrente já às 18.30

um grande número de judeus se tinham enfileirado à porta dêste Consulado Geral, dispostos a esperar tôda a noite até que a secção dos passaportes abrisse na manhã seguinte. Foram dispersados pela polícia nessa noite e mais três vezes antes das 8.30 no dia 10. Todos os homens judeus foram presos ficando só as mulheres e as crianças. No Consulado Geral dos Estados Unidos os guardas da S.A. começaram a bater na multidão com chicotes de corda até que o Consul Geral americano pediu a intervenção da polícia, que pôs termo ao desacato.

6. — O correspondente de *The Times* em Viena foi prêso pela S.A. quando tomava apontamentos das manifestações na Leopoldgasse e levado para a esquadra da polícia. Quando declarou a sua identidade foram-lhe apresentadas desculpas e foi pôsto em liberdade. Dez minutos mais tarde era novamente prêso e novamente libertado. Participou-me que quando chegou à esquadra viu vários judeus encolhidos pelos cantos, tão aterrorizados que nem eram capazes de declarar os seus nomes; um judeu velho com barba e cabelos brancos estava deitado no chão e um homem da S.A. dava-lhe pontapés, na presença dos polícias.

7. — As manifestações públicas já cessaram, mas esta manhã as prisões continuam. A população judáica está cheia de terror e um grande número de pessoas têm vindo ter comigo para me pedir auxílio ou contar-me o que têm sofrido. Receio que vários subditos britânicos fôsem lesados e assim que puder obter todos os pormenores enviarei relatórios individuais.

8. — O espectáculo ontem à noite em Viena era espantoso. Por tôda a parte havia incêndios. Os judeus eram maltratados nas ruas, sob as imprecações de bandos de selvagens que se prezam de pertencer a um dos países mais importantes e mais civilizados do mundo.

9. — As manifestações anti-judáicas não foram só em Viena. Uma sinagoga em Linz foi inteiramente destruída pelo fogo; a de Salzburg foi assaltada e o recheio arremessado para a rua. Também houve assaltos às lojas dos judeus. Em Hallein e em Bad Bastein as pensões e hotéis judaicos foram saqueados, incluindo o hotel Bristol, a Kurhaus Cácia, uma outra Kurhaus e uma grande moradia pertencente a um judeu.

Tenho a honra, etc.,  
D. St. CLAIR GAINER.

---

N.º 7

*Do Consul-Geral Bell a Sir G. Ogilvie-Forbes Berlim*

*Consulado Geral Britânico*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor,

Colónia, 14 de Novembro de 1938.

Em referência ao meu telegrama de 11 do corrente relativo às manifestações anti-judáicas em Colónia, tenho a honra de participar que as informações que desde então recebi indicam que estas manifesta-

ções foram muito violentas e sistemáticas na área deste consulado. Em Colónia tem havido suicídios de judeus alemães meus conhecidos, se bem que tal ocorrência infelizmente não se possa chamar uma novidade. Quatrocentos judeus foram presos «por prevenção», ostensivamente com o fim de os proteger. Consta-me porém que têm pouca probabilidade de serem soltos senão depois de uma boa sangria financeira. A sinagoga de Colónia ficou danificada pelo fogo e disseram-me que os bombeiros tomaram providências para que o incêndio não puzesse em perigo as casas vizinhas e nada mais. Os judeus estão num estado desgraçado. Este Consulado Geral é constantemente invadido por eles e, se bem que eu com o meu pequeno pessoal faça todo o possível por recebê-los, muitas vezes é necessário fechar as portas para poder atender aos que já estão dentro do edifício. Uma judia alemã instou repetidas vezes com um membro do Consulado para que desse guarida ao marido em sua casa, aliás bem pequena, durante a noite de 11. O judeu apareceu já com os pijamas embrulhados. Nota-se um nervosismo entre os alemães da burguesia, que duma maneira geral não aprovam estas manifestações. Todavia, não ousam manifestar-se contra elas. Um cidadão que expressou abertamente o seu desacôrdo num carro eléctrico que passa ao pé de minha casa foi prêso na primeira paragem por guardas nazis. Os industriais declaram que não têm influência alguma no Partido, o qual assenta de tal maneira na doutrina de pureza rácica que o Führer vê-se obrigado a levar as coisas à sua lógica conclusão. Todos concordam porém que os acontecimentos da semana passada vieram complicar bastante as relações internacionais. Por minha parte o que me chocou mais foi o sangue frio e o método com que os ataques foram feitos. O Führer conhece bem o povo alemão; entre as massas que nada têm a perder nota-se um certo «Schadenfreude» («prazer na maldade»); a nossa cozinheira alemã, por exemplo, disse-me há uns dias, falando dum vizinho judeu, que era bom «que lhe tratassem da saúde». Em resumo, existe actualmente em Colónia e no resto do meu distrito consular uma situação anormal. As notícias indicam que as medidas anti-judáicas em Dusseldorf e outras partes foram ainda mais drásticas que em Colónia.

2. — Não me consta que tenha havido ataques a judeus de nacionalidade britânica. Um ou dois ex-combatentes dessa raça residem normalmente neste distrito. Tenho a impressão que ou safram de Colónia ou não se mostraram nas ruas.

3. — Este Consulado recebeu no dia 10 uma queixa e pedido de protecção dum certo Herr Schwarz, que tem uma procuração da firma de Kleinwort & Co, Fenchurch Street, Londres, proprietários de três casas em Colónia habitadas por judeus alemães e cujas janelas foram quebradas. A polícia foi imediatamente informada e Herr Schwarz foi intimado a fornecer pormenores por escrito. Gostaria de receber instruções quanto à atitude geral que devo tomar em face de reclamações desta natureza.

4. — Tomo a liberdade de juntar a esta cópia a tradução de duas cartas anónimas que recebi hoje, uma de uma pessoa que se designa «ein Beamter» e a outra assinada por «Juiz». Tenho por costume não ligar atenção a cartas anónimas mas os autores destas concretizam tão

bem o ponto de vista de muitos alemães que julgo que vale a pena transmiti-las a V. Ex.<sup>a</sup>.

Tenho a honra, etc.,  
J. E. BELL

---

1.º Anexo ao N.º 7

(Tradução)

Ao Herr Generalkonsul

Colónia, 12 de Novembro de 1938

Sinto a necessidade de submeter a V. Ex.<sup>a</sup> um relatório verídico dos recentes motins, saques e destruição de escritórios e casas de judeus, e incêndios de sinagogas.

*O povo alemão não está implicado de forma alguma nestes motins e incêndios.*

Como o incitamento dos membros do partido não teve efeito algum sobre o ânimo do povo, as seguintes ordens foram transmitidas pela rádio da polícia às 0.45 (um quarto de hora para a uma da madrugada) de 10 de Novembro de 1938.

1. — Às 4 horas as sinagogas e capelas de judeus deviam ser incendiadas.

2. — Às 6 horas começava a destruição e saque das lojas e das casas dentro da cidade.

3. — Às 8 horas procedia-se à mesma acção nos bairros excêntricos.

4. — As manifestações terminariam às 13 horas do dia 10 de Novembro de 1938.

Emquanto o povo «excitado e indignado» segundo a expressão empregada pelos jornais, dormia ainda sem conhecimento destas ordens, a polícia forneceu machados, alavancas e escadas, nas esquadras, aos jovens da S.A. e aos recrutas recentes, cujo número foi engrossado por uma multidão de gente da mais baixa categoria.

Entregou-lhes também uma lista com os nomes e moradas de todas as lojas e andares ocupados pelos judeus. A turba procedeu então ao trabalho de destruição sob a chefia da S.A..

A polícia recebera ordens rigorosas para não intervir. Às 8 horas da manhã de 10 de Novembro de 1938, viam-se ainda lutas revoltantes entre a multidão que disputava o produto do saque. Por exemplo um dos ladrões fugia com 8 fatos roubados que se recusava a partilhar com os seus caros camaradas alemães. Só em Colónia, 17 lojas foram completamente saqueadas, até esta data.

*A população de Colónia não tem responsabilidade absolutamente alguma por estes incêndios criminosos, que ela condena, apoiada pelo resto da nação alemã. Estes actos foram ordenados pelo Governo de Berlim.*

Um comissário da polícia que procurou impedir que uma loja fôsse saqueada foi pôsto em inactividade e exonerado dos seus cargos.

Procure V. Ex.<sup>a</sup> informações entre o povo de Colónia e verá que

a nação alemã nada tem com estes crimes e não se solidariza com esta acção do seu Governo.

(Assinado) EIN BEAMTER.

---

2.º Anexo ao N.º 7

*Tradução da cópia duma carta enviada ao Ministro de Justiça do Reich*

Os acontecimentos de 10 do corrente, com os seus crimes anti-sociais, tais como: incêndios, saques, violências corporais e roubos em tôdas as cidades e aldeias da Alemanha, levam os juizes alemães a rogar a V. Ex.<sup>a</sup> que lhes marque uma orientação para os processos que vão ser julgados nos tribunais.

Como estes crimes contra a ordem social foram organizados pelo próprio Governo, seria aconselhável dar como improcedentes todos os processos legais que dêles resultem visto o público saber perfeitamente que nenhum juiz ousará fazer justiça sem se expôr a severas represálias por ter agido conforme a sua consciência. Mais de metade dos juizes sob a jurisdição de V. Ex.<sup>a</sup> terão que violentar os seus próprios sentimentos visto que os acontecimentos ocorridos são de tal ordem que temos vergonha de ser alemães. Tais idéas só podem proceder de mentalidades acanhadas e criminosas como as de Hitler, Hess, Goebels, Rosenberg etc.. O raciocínio que os estrangeiros devem fazer é que se trata da mesma gente que deitou fogo ao Reichstag e que foi responsável pelos actos de 30 de Junho de 1934. Seria preferível que V. Ex.<sup>a</sup> recomendasse que todos os juizes alemães pedissem a sua demissão. Não se pode esperar que juizes desempenhem as funções de carrasco.

Os acontecimentos de 10 do corrente demonstraram duma forma incontestável ao mundo que na Alemanha já não há Justiça.

E V. Ex.<sup>a</sup> Sr. Ministro do Reich, Dr. Gürtner, é também responsável pelo que aconteceu e pode ter a certeza que nós lhe pediremos contas talvez mais cedo do que imagina. Guarde as suas costas, dando a todos os juizes rectos a oportunidade de desempenharem os seus serviços duma maneira humana, e pondo o seu amigo Hitler ao facto da verdadeira situação, pois a sentença que será pronunciada por todos os juizes honrados, contra si e contra os salteadores a que chama amigos, será a de Morte!

(Assinado) JUDEX.

---

*De Sir G. Ogilvie-Forbes ao Visconde Halifax*

O Encarregado de Negócios de Sua Majestade em Berlim apresenta seus cumprimentos ao Secretário de Estado de Sua Majestade para os Negócios Estrangeiros e tem a honra de lhe transmitir a cópia dum officio que recebeu do Consul Geral de Sua Majestade em Frankfurt-am-Main com data de 14 de Dezembro e que trata das perseguições dos judeus.

*Berlim, 15 de Dezembro de 1938.*

---

Anexo ao N.º 8

*Consul Geral Smallbones a Sir G. Ogilvie-Forbes*

*Frankfurt-am-Main, 14 de Dezembro de 1938.*

O Governo alemão propalou, sem grande ardor, é verdade, a notícia de que os actos contra os judeus, o incêndio das sinagogas, a destruição das lojas e casas particulares, os assaltos e roubos, foram obra do povo indignado com a morte de Herr vom Rath, mas terá agora dificuldade em fugir à responsabilidade do mau tratamento sistematicamente aplicado pela S.S. e policia às pessoas presas. Tomo portanto a liberdade de apresentar um relatório sôbre os tratos infligidos a alguns dos presos. Lastimo que a matéria versada neste officio seja tão desagradável mas acho melhor chamar as coisas pelos seus verdadeiros nomes. Os que já saíram dos Campos foram ameaçados com terríveis represálias caso divulguem o que presenciaram. Os factos que eu relato são comunicados por um grande número de pessoas, independentemente umas das outras; e não é natural que tôdas inventassem as mesmas mentiras, ao mesmo tempo e sôbre os mesmos acontecimentos.

2. — Tenho uns oito anos de serviço na Alemanha. Conheci primeiro os alemães quando estive em Munique com as tropas de occupação, na hora de humilhação da Alemanha depois da guerra, e desde 1932 desempenho o meu cargo actual. Gabava-me de que comprehendia a mentalidade alemã e fiz tudo quanto podia em prôl do bom entendimento anglo-germânico. Os successos recentes mostraram-me um aspecto do caracter alemão de cuja existência eu não suspeitava. Ignorava que tivessem êste fundo de crueldade, pois são por hábito bondosos para os animais, para as crianças, para as pessoas fracas e de idade. Esta vaga de crueldade sádica pode talvez explicar-se por uma perversão sexual e em especial pela homo-sexualidade que é muito freqüente neste país. Quere-me parecer que uma tal perversão, bastante divulgada, seja a causa destas manifestações, doutra forma incompreensíveis. Estou convencido que se o Governo alemão se apoiasse no sufrágio popular, aquêles que estão actualmente no poder e são responsáveis por estas barbaridades seriam varridos dos seus cargos por

uma onda de protesto e indignação e mesmo até encostados a um muro e fuzilados.

3. — Segue-se o depoimento dos tratos sofridos por um judeu que combateu nas trincheiras durante a guerra, pessoa de educação e com um bom negócio nesta cidade. As declarações feitas por êle condizem em detalhe com o que nos foi afirmado por outras pessoas presas em circunstâncias análogas: Recebeu uma intimação pelo telefone da polícia secreta para não sair de casa. Às 3 da madrugada foram-no buscar. Pediu licença para levar consigo alguma roupa e umas camisolas e ceroulas de lã, o que foi recusado, mas disseram-lhe para trazer dinheiro. Foi então transportado para a esquadra mais próxima onde ficou detido até a polícia reunir um número de presos suficiente para encher um camião. Em seguida levaram-no para o Palácio de Exposições que é um edificio grande utilizado não só para exposições como também para reuniões políticas. É um edificio com lotação para 20.000 pessoas. À porta ajuntara-se uma grande multidão que apupava e injuriava as levas de prêsos à medida que chegavam. (O sr. Dowden passou por lá duas vezes e notou que a turba era composta principalmente por jovens e mulheres. Teve a impressão de que as mulheres não mostravam grande entusiasmo e que pareciam ter recebido ordens para estar presentes, assim como os seus filhos e maridos tinham sido intimados a molestar os judeus e a causar estragos nas suas casas e lojas.) Uma vez dentro do Salão, o meu informador foi obrigado a despejar as algibeiras, e tudo quanto tinha nelas, inclusive o lenço, foi metido num envelope. Participaram-lhe que êstes haveres ser-lhe-iam devolvidos quando fôsse posto em liberdade. Em seguida foi enfileirado com os outros, alguns dos quais estavam lá desde a noite anterior sem dormirem, comerem ou beberem.

4. — A S.S. e a polícia passaram então a divertir-se à custa dos prêsos. Obrigavam-nos a ajoelhar, a pôr as mãos atrás das costas e a inclinarem-se para a frente até tocarem com a testa no chão. Aquêles que não eram capazes de executar êste exercício eram ajudados a pontapé pelos guardas. Outros presos eram obrigados a correr em volta do salão. Alguns agonizaram-se e vomitaram. Os guardas então agarravam os desgraçados pelo pescoço e esfregavam-lhes a cara e o cabelo no próprio vômito.

5. — Aí pelas 17 horas chegaram camions conduzidos por membros da S.S. e os presos foram empurrados a sôco e a pontapé para dentro dêles. Os carros atravessaram a cidade e foram parar a uma estação da linha suburbana. Ao desembarcarem, os presos tinham que descer uns degráus que davam para um viaduto escuro que conduzia à gare. Os guardas desancavam-nos a sôco e a pontapé. Dentro do viaduto foi dada ordem para pararem e para voltarem a cara para a parede. Os presos julgavam que iam ser fuzilados e alguns tiveram ataques nervosos. Os guardas passavam para cima e para baixo, por detrás dêles, e davam-lhes murros e pontapés. Alguns paisanos também entraram na brincadeira. Os prêsos deram então entrada num combóio que os transportou para Buchenwald, perto de Weimar. Durante a viagem, que durou várias horas, os guardas continuaram a distribuir pancadaria, quebrando dentes e avariando caras e olhos. Em Weimar os presos desembarcaram do combóio e foram metidos mais

uma vez a pontapé em camions apinhados de gente. Durante o percurso, os guardas mandavam-lhes encolher a cabeça entre os joelhos para nessa posição os desencarem.

6. — Chegados ao Campo foram encurralados a pontapé num recinto cercado de arame. (O arame estava electrizado e muitos presos que tentaram fugir sofreram queimaduras graves. Esta informação chegou-me de outras fontes.) Ouviram então uma alocação do comandante do Campo, o qual lhes disse a sua opinião sobre os judeus. Em seguida cortaram-lhes o cabelo à escovinha e raparam-lhes os bigodes. Isto provocou grande gáudio quando chegou a vez dos rabinos que pela lei da sua religião não podem aparar as barbas à tesoura. O meu informador, que fazia parte dum grupo de cerca de 500 homens, foi metido no Barracão n.º 1 que era o mais próximo do portão. O edificio media apenas 60 metros por 24 e contudo servia de alojamento para 2.500 pessoas. Isto à primeira vista parece impossível, mas explica-se pelo facto de haver uma série de prateleiras com tarimbas, até ao tecto. A lotação era de três homens para cada tarimba. (Um amigo meu teve de dormir 16 noites numa destas camas entre dois tratadores de gado. Era preciso deitarem-se de lado e quando queriam voltar-se tinham que voltar-se todos ao mesmo tempo.)

7. — Os trabalhos de construção do Campo de Buchenwald não estavam ainda concluídos, o que tornava mais penosa a sorte dos presos. Não havia água encanada nem retretes. No primeiro dia não deram água para beber aos presos e nunca lhes forneceram água para se lavarem. (O amigo a que acima me referi, esteve os 16 dias sem se lavar excepto quando conseguia captar alguma água da chuva.) No segundo dia o meu informador teve um pouco de água quente temperada com café e um pedaço de pão. Nesta altura os presos estavam já meio loucos com fome e sede.

8. — Durante a primeira noite os guardas entraram no barracão e arrebanharam, ao acaso, alguns presos que levaram para fora para lhes darem chibatadas. Havia no chão umas chapas às quais os pés do prêso eram atados com correias. Em seguida obrigavam-no a dobrar-se sobre uma barra e imobilizavam-lhe a cabeça entre duas traves horizontais. Os presos recebiam até 50 chibatadas, salvo quando não era a título de castigo mas sim por desporto dos guardas. Cada guarda só tem licença de dar 10 chibatadas, para poder dá-las com toda a força. Este castigo era aplicado por faltas insignificantes, tais como por exemplo a de não se perfilar com bastante rapidez ou não obedecer a uma ordem. Um rabino foi açoitado porque se recusou a assinar o seu nome num Sábado. Foi depois ameaçado de uma repetição do castigo e nessa altura estava tão fraco que anuiu e assinou. Alguns dos açoitados morreram entre as barras. Depois do castigo os presos eram corridos a pontapé mais uma vez para dentro do barracão. Durante o dia as chibatadas eram applicadas em público como advertência aos outros. Alguns dos presos enlouqueceram; os guardas amarrazaram-nos com correntes e enfiaram-lhes um saco pela cabeça para abafar os seus gritos.

9. — Durante a primeira noite os internados não podiam sair do



barracão para fazer as suas necessidades. Viram-se obrigados a fazê-las nos seus chapeus.\*

10. — O meu informador tem dentes postiços e sofre de piorrêa. Fez um requerimento para lhe darem mais um copo de água por dia para lavar os dentes e bochechar. A ração de água era tão exígua e a sede tanta que êle bebia a água dos dentes depois de a usar.

11. — Mais um caso que é digno de ser narrado: um antigo oficial prussiano foi mandado ajoelhar e a dizer: «Sou um judeu sujo e traídor da minha pátria». Recusou terminantemente, mas deram-lhe tanta pancada que por fim teve de ceder.

12. — Entre os presos havia cirurgiões e médicos distintos que obraram verdadeiros prodígios. Com uma dedicação inexcedível chegaram a fazer operações em casos urgentes. Os rabinos portaram-se também à altura da sua alta missão. Um deles, quando o quizeram pôr em liberdade, recusou-se a sair do Campo enquanto lá estivessem membros da sua congregação. Não me consta que alguns dos guardas jámais dessem provas de caridade cristã ou mesmo de simples humanidade.

13. — Quando havia ordem para pôr alguns presos em liberdade eram primeiro examinados pelo médico do Campo e os que tivessem feridas abertas ficavam detidos. Os outros eram barbeados e compareciam depois perante o comissário político que os avisava das conseqüências de revelarem qualquer coisa que tivessem observado durante o seu internamento. Acrescentava o comissário que o Partido tinha meios de os atingir mesmo fóra da Alemanha. Recebiam então o que restava dos seus haveres; a maior parte dos artigos de valor tinham desaparecido e o dinheiro tinha sofrido importantes reduções. Mas era-lhes participado que qualquer reclamação seria equivalente a acusar os guardas da S.S. de roubo, atrevimento punível com chibatadas. Como insulto final tinham que contribuir para o *Winter Hilfs Werk* («Fundo de Inverno dos Pobres») administrado pelo Partido. Quasi todos os individuos soltos eram intimados a assinar um documento comprometendo-se a sair da Alemanha dentro dum prazo fixo, geralmente de 4 a 6 semanas, sob pena de serem internados novamente. Na maioria dos casos isto representava um compromisso impossível de realizar.

14. — Quando as rusgas recentes começaram, poucos dos presos tinham cadastro policial. Alguns suicidaram-se, outros esconderam-se nos bosques, outros ainda conseguiram que médicos amigos lhes abrissem a barriga, simulando uma operação, para poderem ficar nos hospitais. Um sujeito que eu conheci em Stuttgart considera-se feliz por se ter livrado da prisão da seguinte maneira: às 4.30 da madrugada do dia dos motins, bateram-lhe à porta e a sua mulher foi abrir. Quando viu os guardas da S.S. teve um ataque histérico. O marido correu em seu auxílio. Os guardas derrubaram-no e deram-lhe tantos pontapés na bôca que lhe partiram uns 10 dentes e lhe fracturaram a maxilla. Com muita coragem o agredido exigiu que os guardas apresentassem o

\* Foram omitidas aqui seis linhas, dada a qualidade revoltante dos pormenores relatados.

mandado de prisão. Enquanto êles foram buscar o documento, conseguiu ser admitido no banco do hospital por motivo de fractura.

15. — Consta-me de muitas fontes que se planeiam novos actos contra os judeus em Janeiro, indicando-se mesmo o dia 16 como a data fixada. Espera-se que nesta ocasião as judias também vão para os Campos de Concentração. Muitos judeus receberam avisos particulares de amigos, que dizem ter informações de confiança, recomendando que saíssem da Alemanha antes dessa data. Consta-me também que em Obenrode, perto de Dieburg, no distrito de Darmstadt o «Arbeitsdienst» está a construir um novo Campo de Concentração para receber algumas das vítimas das prisões projectadas.

16. — Quanto à orientação a seguir para atenuar, até onde for possível, a sorte dos judeus na Alemanha, quere-me parecer que o lema deve ser não «primeiro as mulheres e as crianças» mas sim, primeiro os homens; são êles que estão nos Campos de Concentração e em perigo iminente de morte e são êles também os que ganham para as famílias. Se os deixarem morrer, o problema das famílias tornar-se-á ainda mais complicado.

17. — Fui informado que alguns *Quakers* desejam estabelecer uma organização na Alemanha para alimentar e vestir «não-arianos» e tratar da sua evacuação gradual durante um certo período de anos. Se o Governo alemão não aceitar êste projecto é difficil calcular quantos judeus poderão resistir às conseqüências da sua permanência na Alemanha. Lord Forrester, que esteve cá também em nome dos *Quakers*, parecia alvitrar o projecto de acampamentos fora da Alemanha nos quais os emigrantes pudessem ser treinados antes da sua transferência para as suas futuras terras. Êste plano provavelmente evitaria muitas mortes.

18. — É com pesar que tomo a liberdade de sugerir que as informações constantes dêste officio sejam consideradas como confidenciais. A divulgação dêstes factos, se é que ainda são ignorados, provocaria uma nova onda de indignação mundial. Mas os dirigentes da Alemanha parecem neste momento ligar pouca importância à opinião do mundo; a reacção provável seria novas rusgas e investigações para averiguar a origem das informações, e a aplicação de castigos individuais e colectivos. Outrosim, se o meu nome fôsse mencionado isso poderia dar lugar a um incidente. No entanto, talvez valesse a pena transmitir confidencialmente estas informações aos Governos dos países que estão interessados na solução do problema.

Tenho a honra, etc.  
R. T. SMALLBONES

---

*Do Consul-Geral Carvell ao Visconde Halifax*

Meu Lord,

Munique, 5 de Janeiro de 1939

TENHO a honra de comunicar que não obstante as ameaças de terríveis castigos para aquêles que, depois de soltos, revelassem o que passaram no Campo de Concentração de Dachau, tenho em meu poder informações que me habilitam a fazer um relatório sôbre o tratamento sofrido pelos prisioneiros judaicos desde 9 de Novembro p. p.

2. — Parece que o Campo de Dachau foi o local escolhido para a concentração de todos os judeus presos no sul e oeste da Alemanha (até Neuss) e na Austria. Segundo alguns cálculos, o número de judeus internados atingiu 14.000. Uns 200 a 300 foram soltos diàriamente em Dezembro, mas consta que estão ainda presos mais de 5.000. Parece que os indivíduos com mais de 65 anos de idade e todos os antigos militares que combateram no *front* foram já postos em liberdade. Todavia os rapazes de 17 anos do seminário judaico de Würzburg e os indivíduos de profissões liberais, entre as idades de 50 a 60 anos, continuam detidos sem esperança de serem soltos numa data próxima.

3. — Aparentemente o primeiro dia de prisão foi dum horror indescritível, pois nenhum dos ex-presos é capaz ou quere falar do que se passou. Pode imaginar-se contudo que os presos, encurralados como se fôsse gado, sofreram todos os pavores do matadouro.

4. — Quando um indivíduo entrava para o Campo, rapavam-lhe a cabeça e davam-lhe um fato de presidiário feito de estôpa de linho com a «Estrela de David» estampada em amarelo. Parece que os prisioneiros não receberam outra roupa, mesmo quando o inverno começou a apertar. Todavia, quem quizesse pagar o preço exigido, podia comprar roupa de baixo na cantina. Os barracões, que tinham sido construídos para uma lotação de 60 a 80 presos, comportavam agora 200 e 300. Consta que alguns dos presos dormiam sôbre o sobrado mas a maior parte tinha palha. Ao princípio cada pessoa recebia apenas um cobertor fininho, mas agora algumas têm dois. A comida é da qualidade mais grosseira e os judeus recebem metade da ração dos presos arianos. Cada gamela serve para seis presos. Bebidas quentes, queijo e até manteiga estão à venda na cantina a preços exorbitantes. Cada prêsô tem o direito de receber da família 15 marcos por semana; todavia a distribuição do dinheiro era tão morosa que na sexta semana de detenção alguns presos só tinham recebido a remessa da segunda semana.

5. — A alvorada é às 5 horas. A primeira parada é às 6 e os presos frequentes vezes estão debaixo de forma 5 e 6 horas seguidas, sem licença de saírem das fileiras seja qual for o motivo. Fazem muitas marchas e exercícios físicos e são obrigados a permanecer na posição de sentido enquanto respondem a repetidas chamadas. Dum modo geral, os presos estão de pé quási ininterruptamente das 5 às 19 horas e como não estão acostumados às pesadas botas militares a maioria dêles têm os pés muito feridos.

6. — As histórias dos tratos brutais infligidos pelos guardas são tão repetidas e tão concordantes que não podem ser tôdas falsas. Parece não haver dúvida que os presos têm apanhado pancada, pontapés e até têm sido açoitados com azorragues de arame farpado. Alguns guardas nunca falam a um preso sem lhe baterem na bôca com as costas da mão. Os assistentes médicos em especial mostram uma indiferença cínica pelos internados que se apresentam para receber tratamento. Numa ocasião 60 presos que sofriam de *frost bite* (pés ou dedos gelados) foram mandados embora sem tratamento; disseram-lhes que era uma doença que o próprio tempo se encarregaria de curar.

7. — No dia em que são postos em liberdade os presos passam um verdadeiro martírio. A formatura, ao ar livre, faz-se às 5 horas e os presos, nus até à cintura, esperam até cêrca das 10. São então inspeccionados pelo delegado de saúde para ver se têm sinais de mau tratamento. Depois da inspecção são lavados à agulheta com água frigidíssima. Antes de saírem do Campo ouvem uma alocução do comandante. Este recomenda-lhes que saíam da Alemanha o mais breve possível, pois se voltarem para o Campo nunca mais serão libertados. Ameaça-os também, que se propalarem «histórias de atrocidades» nos países estrangeiros isso redundará em prejuízo dos seus correligionários que ainda estiverem na Alemanha. Os libertados têm então que assinar um documento declarando que não foram maltratados, que não contraíram doenças infecciosas e que todos os seus haveres pessoais lhes foram devolvidos intactos. Podem então retirar-se, mas fazem o percurso para a estação a pé e compram os bilhetes com o seu dinheiro. Muitos dêles não podem andar; alguns são levados para a estação sem sentidos.

8. — Desconhece-se quantos tenham morrido no Campo ou pouco depois de terem recolhido a suas casas, mas o número deve ser elevado. Sabem-se os nomes de dez judeus de Munique que morreram em Dachau entre 9 e 25 de Novembro.

9. — Este relatório baseia-se num número de informações independentes e por isso, se bem que não haja motivo para duvidar da veracidade dos incidentes descritos, não se deve deduzir que o tratamento em todos os casos foi tão odioso como parece. Alguns dos libertados declararam que a vida «não era muito má» e que o Campo era dirigido com critério. É provável que o tratamento dos presos variasse consideravelmente segundo o temperamento dos guardas.

Tenho a honra, etc.  
J. E. M. CARVELL

---

*Do Consul Shepherd a Sir G. Ogilvie-Forbes (Berlim)*

Ex.<sup>mo</sup> Senhor,

TENHO a honra de transmitir, para informação de V. Ex.<sup>a</sup> apontamentos de conversas, sôbre as condições no Campo de Concentração de Buchenwald, trocadas com judeus alemães internados nêsse Campo após o assassinio de Herr vom Rath em 10 de Novembro.

Tenho a honra, etc.  
F. M. SHEPHERD

---

Anexo ao N.º 10

*Memorandum*

*As perseguições judaicas.*

HERR E. B., aparentemente um conceituado negociante de peles estabelecido em Leipzig, contou-me que depois do assassinio de vom Rath em Paris as montras do seu estabelecimento foram estilhaçadas e que quando regressou a casa encontrou à porta agentes da policia secreta que o intimaram a acompanhá-los. Sua esposa protestou mas a policia disse que não era um caso de importância e que Herr B. voltaria ainda essa noite. Levaram-no para a estação do caminho de ferro e diz êle «não lhes posso contar como nos trataram». Transportaram-no então para um Campo de Concentração em Buchenwald perto de Weimar onde estavam cêrca de 10.000 judeus internados em barracões de madeira providos de tarimbas sobrepostas, para as quais os presos tinham de entrar de rastos. Segundo afirma Herr B., durante todo o mês que permaneceu no Campo os presos não tiveram mantas nem meios de se lavarem ou mudarem de roupa. Durante 14 dias sua esposa não soube do paradeiro nem o que lhe acontecera. No Campo estavam internados homens de tôdas as idades até aos 78 anos, incluindo catedráticos e outras personalidades distintas. Herr B. foi solto porque repararam que êle trazia um pequeno emblema mostrando que combatera na guerra. Teve muita sorte em ser libertado antes de vir a onda de frio pois contou-me que muitos morreram nessa ocasião. O Campo de 10.000 homens onde estive internado era pequeno comparado com um outro Campo próximo, que recebia judeus austriacos. Os presos do Campo em que estive eram procedentes de muitas partes da Alemanha, inclusivé Frankfurt e Hamburgo. Além da detenção no Campo de Concentração foi intimado a pagar uma importância equivalente a 20 % da totalidade dos seus bens a título de multa pelo assassinio de vom Rath.

*Campo de Concentração.*

Herr H. V. esteve no Campo de Buchenwald três semanas em

condições muito rigorosas; havia mingua até de água para beber e 20 retores serviam para 10.000 homens. Viu muitos presos serem espancados e numa ocasião chegou ao Campo um prêsô já morto. No acto da soltura, foi-lhe participado que, se falasse do tratamento que tinha passado, êle e sua família seriam presos para tôda a vida. E se desse à língua depois de sair da Alemanha, afirmaram-lhe que havia «Vertrauensleute» que dariam cabo dêle («erledigen»). A guarda do Campo era feita por rapazes da S.S. e por alguns agentes da polícia de Weimar. As condições eram incríveis; os presos não tinham meio de se lavarem nem de mudarem de roupa.

Herr V. declarou que para os encarregados do Campo havia apenas duas categorias de presos — os vivos e os mortos; os guardas não mostravam consideração alguma para com os velhos ou enfermos. Um médico judeu que também fora internado nêsse Campo, declarou que a sua missão era olhar pelos doentes ou por aquêles que tinham sido maltratados. Vira presos açoitados com arame farpado e um dos seus encargos principais era fazer desaparecer os sinais dêste tratamento. Sabia de 67 mortes, e calculava que até há pouco tempo houvera cêrca de 350 baixas no Campo de Buchenwald.

Consulado da Grã-Bretanha  
Dresden, 2 de Fevereiro de 1939

---

N.º II

*Declaração dum Ex-Prisioneiro no Campo de Concentração de Buchenwald. — (Transmitida ao Ministro dos Negócios Estrangeiros em 18 de Fevereiro de 1939.)*

(Tradução.)

NA Alemanha actual não há palavra que cause mais pavor que o nome de Buchenwald. A poucos quilómetros da Weimar de Goethe, situada no meio duma linda floresta de faias, cercada de vedações de arame farpado e guardada por destacamentos da S.S. com metralhadoras, está a nova Cidade da Dôr, o Campo de Concentração de Buchenwald.

Fui prêsô em minha casa em Berlim às 5 da manhã de 13 de Junho de 1938; levado para a esquadra central da polícia, fui aí informado que, como judeu com «cadastro criminoso», estava detido a título de prevenção e que seria enviado oportunamente para um Campo de Concentração. Na prisão da esquadra onde estive primeiro e que estava apinhada de gente, encontrei muitas pessoas conhecidas, na sua maior parte gente respeitável, comerciantes e professores da Universidade. O cadastro policial que servia de pretexto para as prisões dizia respeito a casos passados há 10 anos ou mais, tais como infracções do regulamento do trânsito ou outros delítos insignificantes.

Os presos continuavam a chegar, ao ponto das autoridades já não saberem onde haviam de os meter. No decurso dêstes dois dias, 13 e

14 de Junho, todo o judeu do sexo masculino que tivesse a mais ligeira falta no cadastro policial foi prêso. Alguns dos detidos tinham mais de 70 anos de idade e foram trazidos para a esquadra dos asilos onde estavam vivendo.

Em Berlim o número das prisões atingiu cerca de 4.000; em todo o país o número foi talvez entre 10.000 e 15.000. Os detidos foram enviados para os Campos de Concentração de Dachau, Sachsenhausen e Buchenwald. Na esquadra central, cada prêso era informado que só podia esperar ser pôsto em liberdade se apresentasse documentos autorizando a sua saída do país. Parece pois que as detenções obedeciam a um intuito puramente político, e que esta arbitrariedade, caracteristicamente Nazi, visava unicamente a acelerar a emigração judaica, a qual na opinião do Partido era demasiadamente morosa. No entanto as prisões foram feitas pela polícia vulgar e não como, era de esperar, pela *Gestapo*. Por isso os jornais de Berlim noticiaram simplesmente que «um certo número de criminosos judaicos foram presos a título de prevenção.»

Durante a noite de 14 de Junho, a nossa leva de 2.000 presos foi transportada da prisão para o Campo de Concentração. Antes da partida fomos examinados por um médico muito novinho que nos deu todos como aptos para os rigores dum Campo de Concentração, inclusive os de 70 anos e um prêso tuberculoso que constantemente escarrava sangue.

A estação de Anhalt, pela qual saímos de Berlim, foi fechada ao público às 2 da madrugada, hora da nossa partida. Cerca das 6 horas de 15 de Junho chegámos a Weimar. Fomos recebidos na estação por um pelotão de agentes da S.S. Mal descemos à gare fomos empurrados a pontapé e à coronhada pelo túnel que conduzia à estrada. Aqui fomos saudados pelo então director do Campo, Rödl, nos seguintes termos:

— «Entre vocês há indivíduos que já estiveram na cadeia. O que lá passaram não é nada comparado com o que vão passar agora: isto é um Campo de Concentração, o que quere dizer, um inferno! Qualquer tentativa de desobediência aos guardas da S.S. implica fuzilamento sumário. Neste Campo só se conhecem duas espécies de castigos: o chicote e a morte.»

A entrada do Campo estava guardada por postos de metralhadoras e por cima do portão lia-se a seguinte divisa: «Pela minha pátria, tenha ela ou não razão.» Os presos ao entrarem para o Campo passavam entre duas filas de guardas que lhes batiam sem piedade.

Depois desta recepção, que é mais ou menos habitual em todos os Campos de Concentração, raparam-nos a cabeça como se costuma fazer aos presidiários. Em seguida trocámos o nosso traje civil pelo uniforme da prisão. Estes uniformes têm emblemas diferentes conforme a categoria dos presos. Os políticos têm uma tira vermelha; os estudantes bíblicos, uma tira liláz; e os «renitentes ao trabalho» uma listra negra.

As nossas blusas de presidiário tinham uma «Estrela de David» em preto sobre um fundo amarelo — era a marca de «judeu que não quere trabalhar.» Devo mencionar que, na maior parte, eramos comerciantes independentes ou empregados arrancados às nossas ocupa-

ções. O nosso grupo incluía um dentista e vários advogados. Cada um de nós passou a ter um número cosido no fato e daí por diante éramos conhecidos apenas por esse número.

Depois destes preliminares, marchámos para os nossos alojamentos. Os 6.000 presos arianos viviam em casernas de madeira com uma lotação de 140 cada uma; nós, os judeus, fomos metidos quasi à força em estábulos, cada um dos quais tinha de comportar 500 homens. Não havia mesas, cadeiras ou mesmo camas. A noite deitámo-nos no chão sem nos podermos estender convenientemente por causa da falta de espaço. Cada prêso recebeu dois cobertores fininhos e muitos dêles rôtos. Não havia facilidades para lavagem; nenhum de nós pôde lavar-se durante a primeira semana. Mais tarde forneceram 8 alguidares para cada grupo de 500 homens; a água ia-se buscar a uma bomba situada a 10 minutos de distância. Porém o mais difícil de suportar era o regime (aplicado conforme as ordens da S.S.) de meterem em cada barracão um grupo de criminosos de profissão com o fim de manterem a disciplina. Estes criminosos, que eram presos como nós, exerciam as funções de graduados, com plena autoridade para castigarem os outros presos. O facínora que dirigia o barracão em que estávamos era duma brutalidade especial e constantemente nos submetia às maiores violências e ultrajes.

Nós tínhamos tanto mêdo que não ousávamos defendermo-nos destes brutos deshumanos pois qualquer protesto da nossa parte seria considerado como um acto sedicioso, punível com a morte. Lembrome bem dum incidente especialmente horrível. Um dos prisioneiros mais idosos tinha sido, no decurso de trabalho, tão maltratado pelos guardas da S.S. que à noite no barracão gemia constantemente. O encarregado repetidas vezes socou-o na cara. No outro dia o velho estava morto.

Durante os dois primeiros dias no Campo não tivemos alimento de qualquer espécie. Não obstante, o exercício não faltou. Passou-se uma semana inteira com as formalidades da nossa admissão; só depois é que nos foram designadas tarefas especiais. Entre outras formalidades tivemos de assinar uma declaração de que tínhamos sido detidos preventivamente, porque éramos judeus sem gôsto para o trabalho. O impresso trazia a indicação de que a declaração era feita voluntariamente. Um dos presos, um advogado de Breslau, recusou-se a assinar. O desgraçado sofreu então todos os castigos do reportório, mas obstinou-se na sua recusa. Depois de quatro dias de torturas, quando já estava moribundo, com os ossos partidos e o corpo desfigurado, meio inconsciênte, assinou finalmente. Agora vou descrever alguns dos castigos que os guardas da S.S. nos applicavam. Mesmo as infracções mais pequenas — tais como a de beber água durante as horas de trabalho — eram punidas pela perda da refeição do meio dia ou por 4 horas de sentido durante o «período de descanso» normalmente concedido aos domingos. O castigo principal porém era as chibatadas. Se, por exemplo, um prêso era encontrado a fumar durante as horas de trabalho ou se cometesse outro pequeno delicto, apanhava logo chibatadas em público. Ao terminar a chamada da tarde os guardas gritavam os números dos prisioneiros que deviam nesse dia ser chibatados — havia vários casos por dia; os presos em ques-



tão saíam da forma e eram amarrados ao pelourinho. A sentença usual, 25 golpes com um cavalo marinho nas nádegas, era executada por dois robustos guardas da S.S. que se revezavam. Um terceiro guarda apertava os queixos da vítima para abafar os gritos. Alguns dos internados mais idosos, incapazes de executarem o trabalho no ritmo desejado, recebiam este bárbaro castigo «por serem preguiçosos.» Depois das chibatadas, a vítima abaixava as calças para mostrar as marcas sangrentas a um guarda da S.S., cujo mistér era verificar se os carrascos tinham batido com energia suficiente. Vinte cinco golpes de cavalo marinho era o castigo usual em Buchenwald, mas havia outros, como por exemplo o «suadouro.» Sucedia muitas vezes que o prêso morria antes de ser retirado da caixa do «suadouro.»

Um outro castigo usado era o de amarrar o prêso a uma árvore, e os guardas variavam este suplício de muitas maneiras. Se se tratava dum delito muito pequeno, o prêso ficava atado de cara para a árvore como que abraçando o tronco. As correias que seguravam os pulsos eram então esticadas de forma que o prêso mal se podia mexer. Os guardas divertiam-se obrigando o infeliz a dar muitas voltas em tórno da árvore. Quando êle não se deslocava com suficiente rapidez ajudavam-no com pontapés.

Todavia esta era a forma mais branda que este castigo revestia. Havia uma outra modalidade que muitas vezes tinha conseqüências fatais. A vítima era amarrada de costas para a árvore com os braços atados à força em volta do tronco. As côxas e os pés (estes mal tocavam no chão), eram também amarrados ao tronco com força bastante para impedir a circulação do sangue. O prêso ficava pendurado nesta posição durante horas. É preciso notar que estes suplícios não eram aplicados apenas em casos excepcionais; pelo contrário, em Buchenwald, eram dados diáriamente.

Uma semana após a nossa chegada, as nossas tarefas foram-nos designadas. O dia de trabalho no Campo de Concentração de Buchenwald era o seguinte: alvorada às 3.30; a primeira chamada às 4.30 e durava até às 5.30. Marchávamos então para o trabalho, que começava antes das 6. Trabalhávamos sem interrupção até o meio dia. Havia então meia hora de intervalo para beber o café de bolota que era a nossa ração. O trabalho começava às 12.30 e continuava até às 15.45. Das 16 às 17.30 fazia-se a segunda chamada, seguida pelas chibatadas públicas desse dia. Entre as 17.30 e as 18 horas tínhamos a refeição principal e trabalhávamos depois novamente até às 20, hora a que nos era distribuída a nossa ceia. Recolhíamos às 21 horas. Aos domingos trabalhávamos das 6 da manhã às 16 da tarde. No Campo não se observavam feriados de qualquer natureza, nem mesmo (segundo o testemunho de prisioneiros mais antigos) o de Natal. Estávamos de pé diáriamente 17 horas e meia, fizesse chuva ou sol. Este horário era tanto para os velhos como para os novos, para os doentes (desde que se pudessem ter em pé) como para os sãos. Com os nossos uniformes de presidiários feitos de tecido sintético, tínhamos que arrostar tôdas as inclemências do tempo — temporais, aguaceiros ou calor abrasador.

Vou agora descrever o meu primeiro dia de trabalhos forçados, um diá que nunca mais esquecerei. Alguns dos prisioneiros mais idosos

da nossa brigada morreram na pedreira nêsse dia de Junho em que o sol escaldava. Depois da primeira chamada fomos divididos em brigadas de 100 homens. Para cada brigada foi designado um capataz escolhido entre os criminosos, com o direito de maltratar os presos conforme julgasse conveniente. Eramos acompanhados por um destacamento de guardas da S.S., nenhum dos quais aparentava ter mais de 18 anos de idade. Nem por isso todavia lhes faltava a habilidade para desancar os presos. A nossa coluna, que incluía vários individuos com mais de 65 anos, pôs-se em marcha ou antes foi posta em marcha à cacetada pelos guardas, que empunhavam grossos bastões. Assim chegamos à pedreira onde devíamos trabalhar. Do nosso grupo de 100 homens, 80 nunca tinham feito trabalho manual. Não obstante, foram obrigados a deslocar blocos de pedra tão grandes que até um homem acostumado a êsse trabalho o acharia violento. Eram precisos vários homens para içar alguns dos pedregulhos para as costas daquêle que os tinha de transportar. As pedras eram destinadas a uma nova estrada situada a um quilómetro e meio de distância, que estava a ser construída por «presidiários.» O caminho para o local da estrada era bastante íngreme e na parte final do trajecto os guardas da S.S. que faziam de sentinelas auxiliavam-nos a pontapé e à coronhada. Claro está, os prêsos mais velhos, que eram fisicamente incapazes de executar êste trabalho, sofriam o pior tratamento. Voltávamos então à pedreira para buscar um novo carregamento e o processo repetia-se. O calor abrasava e os automóveis da S.S. que passavam em grande velocidade levantavam nuvens de poeira na estrada, encerrada a todo o trânsito que não fôsse oficial. Perto da pedreira havia uma nascente donde jorrava um jacto de água cristalina. Os presos que procuravam aproximar-se da água para matar a sede eram corridos pelos guardas. Quando chegou à tarde, 30 homens da nossa brigada estavam completamente esgotados; uns tinham caído com insolações e nem mesmo as arremetidas brutais dos guardas conseguiram fazer com que recommencessem o trabalho. No fim tivemos que os levar para a enfermaria do Campo. Todos, menos dois que morreram.

Além do trabalho na pedreira eramos obrigados a transportar troncos de árvores. Mesmo para as cargas mais pesadas não destacavam mais de oito presos. Ao longo do trajecto estavam sentinelas da S.S. que nos vigiavam constantemente. Ainda oiço o grito dos guardas, acompanhado pelo som das cacetadas e dos pontapés dados com as suas pesadas botas altas: «Para deante, seus relaxados, para a frente é que é o caminho!» Sucedia às vezes que um guarda mais zeloso obrigava-nos a fazer exercícos de flexão de joelhos com a carga às costas, o que era perigoso, pois se um ou mais presos caíam, os outros corriam o risco de serem esmagados pelo pesado tronco. Um dia, antes de partirmos para o trabalho, participaram-nos que «os judeus tinham deitado fóra a sua ração de pão». Por êste motivo as autoridades applicaram sanções sem precedentes mesmo no Campo de Concentração de Dachau. Daí por deante passámos a receber meio litro de sopa (os outros presos recebiam um litro) e 250 gramas de pão em vez da ração normal de 625 gramas. Os trabalhos forçados aumentaram e a nossa ração diária foi fixada no seguinte: um quarto de litro de café de bolota de manhã, meio litro de sopa ao meio dia

e 250 gramas de pão com um pouco de margarina e salchicha à noite. Durante três domingos sucessivos não recebemos ração alguma, se bem que tivéssemos de trabalhar como de costume.

Os presos tinham o direito de receber remessas de dinheiro de seus parentes. Embrulhos com comida eram porém proibidos pois «tudo se podia comprar no Campo.» Veremos em seguida os resultados d'êste sistema. Para as famílias dos presos mais pobres cada *pfennig* remetido representava um sacrifício. Em virtude das prisões em massa, muitos lares viam-se sem o seu principal amparo. Sei pessoalmente de vários casos em que a Assistência Pública se recusou a conceder ou a continuar a dar subsídios a famílias cujo chefe fôra prês. Mesmo os que recebiam dinheiro não conseguiam aumentar duma maneira adequada as suas parcas rações. Uma parte da remessa era reservada para custear as despesas de caminho de ferro no caso do prês ser posto em liberdade. Este regulamento pesava especialmente sôbre os prisioneiros mais pobres pois a importância total da remessa era posta de parte para aquêle fim. Das remessas subsequêntes, se as houvesse, os presos recebiam 5 marcos por semana. Não há dúvida que esta importância podia gastar-se na cantina, mas os preços eram elevadíssimos e os gêneros à venda muito poucos. Pão nunca se podia comprar, e muitas vezes sucedia que o único artigo à venda na cantina era pó para limonadas. Devo acrescentar que tínhamos de comprar sabão, pasta para os dentes e outros artigos necessários com o nosso dinheiro.

Em Buchenwald o número de mortes tanto de judeus como de arianos era muito superior ao dos outros Campos. Entre os segundos, as mortes eram pelo menos uma por dia. Dos 2.000 presos judaicos que chegaram em 15 de Junho, 80 morreram nas primeiras 4 semanas e mais 30 na quinta semana. As autoridades fizeram todo o possível para ocultar êstes factos e a Comissão da Comunidade Judaica de Berlim só foi oficialmente informada de 39 mortes.

Como é que tantos homens morreram? «Abatidos a tiro quando procuravam fugir» — esta era a frase consagrada. Quero aqui depôr que pelo menos durante o prazo em que estive detido não houve nenhum prês morto a tiro que realmente tivesse tentado fugir.

O Campo tem uma vedação de arame que à noite é electrizado. Ao longo desta vedação há postos de observação com sentinelas da S.S. armadas de metralhadoras. Os prisioneiros não podem aproximar-se do arame e os guardas têm ordem para fazer fôgo se êles não respeitarem esta ordem. Os presos recémchegados muitas vezes desconheciam êste regulamento, e as sentinelas, maçadas por não terem coisa alguma que fazer, divertiam-se chamando um prês à borda da vedação. Os novatos corriam a obedecer e, claro está, assim que se aproximavam, as metralhadoras rompiam fôgo; esta era uma graça muito freqüente. Por vezes alguns presos meio loucos e não podendo mais suportar as condições infernais do Campo, deitavam a correr como doidos para o arame. Os guardas faziam fôgo, se bem que comprehendessem perfeitamente que se tratava dum acto de loucura e não duma evasão a valer. Mas as mortes em Buchenwald ocorriam principalmente na pedreira. Esta estava também cercada de postos da S.S. e aproximar-se dum dêles equivalia a morrer. Acontecia muitas vezes

que um dos presos mais idosos recebia ordem para transportar um bloco de pedra, trabalho que ia muito além das suas forças, por mais tentativas que fizesse. Repetidas vezes os guardas da S.S. tentavam obrigar o prêso a carregar com o pedregulho. Desta maneira o desgraçado ia ficando para trás dos seus companheiros. Pouco tempo depois ouvia-se um tiro. O prêso tinha sido desviado pelos guardas na direcção da linha proibida e a sentinela abatera outra vítima «quando se preparava para fugir.» Merece a pena contar um incidente especialmente trágico. Entre os presos judaicos havia um rapaz de 22 anos chamado Erich Löwenberg. Tinha sido cantor de sinagoga, casára môço e a sua mulher esperava dar à luz uma criança daí a 2 meses. Erich Löwenberg — isto aconteceu aí por 15 de Julho de 1938 — foi empurrado por um guarda da S.S. para a estrada perto da pedreira. Nessa altura apareceu um grande camion conduzido por outro guarda. O rapaz foi obrigado a correr em frente do veículo. Hora e meia depois estava morto.

Os maus tratos normalmente infligidos aos presos provocavam às vezes apopléxia e morte. A certidão de óbito indicava então simplesmente: «cardíaco». Os caixões eram construídos pelos presos na oficina de carpintaria. Os cadáveres eram usualmente transportados para Weimar e incenerados no crematório. A notícia da morte era comunicada aos parentes num simples bilhete postal enviado do gabinete do comandante.

Muitos morreram por falta de cuidados médicos. Nas primeiras semanas os enfermeiros tinham ordens rigorosas para não darem remédios aos judeus, o que contribuiu para o número de falecimentos. Mais tarde, sucedia também que o médico da enfermaria se recusava a aceitar doentes de raça judaica. Sei dum caso em que o médico correu com o enfermo declarando que os sintomas eram fingidos; daí a duas horas o homem morria.

A noite nos barracões não tínhamos meio de socorrer qualquer companheiro que estivesse a morrer. Nem uma pouca de água lhe podíamos dar e muito menos remédios. Também não podíamos sair do barracão para chamar o médico ou enfermeiro pois os guardas da S.S. tinham ordens para abrir fôgo de metralhadora caso vissem algum prêso sair do barracão à noite.

Quatro semanas depois da nossa chegada, foi instalada num dos barracões, uma enfermaria para judeus que êles próprios tiveram de custear. Era desprovida dos utensílios mais rudimentares. Nem termómetros, nem tampouco bacias de cama havia.

E contudo até neste inferno se encontravam boas almas. Havia guardas da S.S. raros, é verdade, que nunca nos maltratavam. Alguns explicaram-nos que nada podiam fazer quanto às condições de vida no Campo pois recebiam instruções de «autoridades superiores». A autoridade superior neste caso era Herr Standartenführer Kock famoso pelas brutalidades indizíveis que praticou na Kolumbiahaus em Berlim e nos Campos de Esterwege, Sachsenhasen. Dirigia agora o Campo de Buchenwald. Quantas mortes de presos inofensivos terá êste homem na sua consciência?

Também entre os capatazes havia alguns que quizeram ajudar-nos mesmo com risco das suas vidas. Vários foram denunciados como «par-

tidários dos judeus» por outros presos e sofreram o castigo das chibatadas. O período pior foi depois da chegada dum destacamento de jovens da S.S. austriaca que vieram para Buchenwald de Wöllesdorf. As torturas que êsses rapazes infligiram aos presos não podem ser contadas.

Como é composta a população dum Campo de Concentração na Alemanha actual? Quais são os vários elementos que nêle se encontram? Em Buchenwald havia 8.000 presos — 2.000 judeus e 6.000 doutras raças. Parece que vão alargar êste Campo de forma a poder receber 25.000 presos. Ficarâ então o maior Campo de Concentração da Alemanha.

Entre os 8.000 presos do nosso Campo citarei primeiro os «políticos» (como por exemplo os deputados comunistas do Reichstag: Neubauer, Saefkow, Weitinski e outros) muitos dos quais têm estado em vários Campos de Concentração desde 1933. Um dos presos era o conhecido advogado de defesa Hans Litten, de Berlim. Partira uma perna há pouco tempo na pedreira de Buchenwald e tinha uma ferida na mesma perna que nunca sarara completamente. Além dos verdadeiros prisioneiros políticos havia um certo número de pobres diabos acusados de terem dito mal da sagrada pessoa do Führer. A maior parte dêstes foram enviados para o Campo de Concentração depois de terem cumprido o prazo de prisão correcional. Em casos como êstes, o período de detenção é indeterminado.

Uma das circunstâncias mais horrorosas dos Campos de Concentração é exactamente essa incerteza. Prisão a título preventivo pode durar 3 meses. Mas também pode durar 3 anos. Não há regulamento nem lei que condicione estas sentenças.

A seguir aos «políticos» a maior categoria é a dos «renitentes ao trabalho». Quem suposer que esta categoria abrange simplesmente os vâdios engana-se redondamente. Vou dar um exemplo. Um amanuense viu-se desempregado e fez um requerimento para receber o respectivo subsídio. Um dia foi avisado que havia uma vaga de operário na construção duma auto-estrada. O homem, que procurava um posto comercial, declinou a oferta. O comissário do desemprego participou então o caso à *Gestapo* e o homem foi prêso por ser «renitente ao trabalho», e enviado para um Campo de Concentração. Operários especializados que largam emprêgos em que o ordenado é pequeno na esperança de arranjam outros melhores sofrem muitas vezes êste castigo.

O grupo seguinte era o dos «Bibelforscher», uma seita religiosa que assenta sôbre as doutrinas da Bíblia e que tem muitos adeptos em todo o país. Está proscrita pela *Gestapo* visto os seus membros se recusarem a fazer o serviço militar. Êstes infelizes são tratados quasi tão mal como os judeus.

A quarta categoria era a dos homo-sexuais ou pelo menos daquêles que a *Gestapo* acusava dêsse vício pois a policia secreta emprega muitas vezes a tática de acusar os seus inimigos de homo-sexualidade. Quando estive em Buchenwald não havia lá representante algum desta categoria. A última classe constava de criminosos de profissão. É nas suas fileiras, como já expliquei, que os guardas escolhem os capatazes. Êsses homens têm o direito de exercer sôbre nós as maiores violências a seu bel-prazer. Muitos dêles procuravam congarçar-se com os guar-

das da S.S. pelos maus tratos que infligiam aos outros presos. Com aquêlê fim, às vezes obrigavam-nos a fazer exercícios durante o período de descanso de domingo; outras vezes mandávam os presos mais velhos rojarem-se na lama.

Quando um preso tinha ordem de liberdade era primeiro examinado por um médico para ver se apresentava ainda as marcas do chicote ou outros indícios de mau tratamento. Só consentiam que saísse depois de tôdas as feridas estarem saradas. Desta maneira as autoridades procuravam impedir que o público tivesse provas do mau tratamento infligido aos presos. Dúvido porém que estas precauções tenham tido o resultado desejado, pois a verdade acaba por vencer tôdas as barreiras que se lhe opõem.

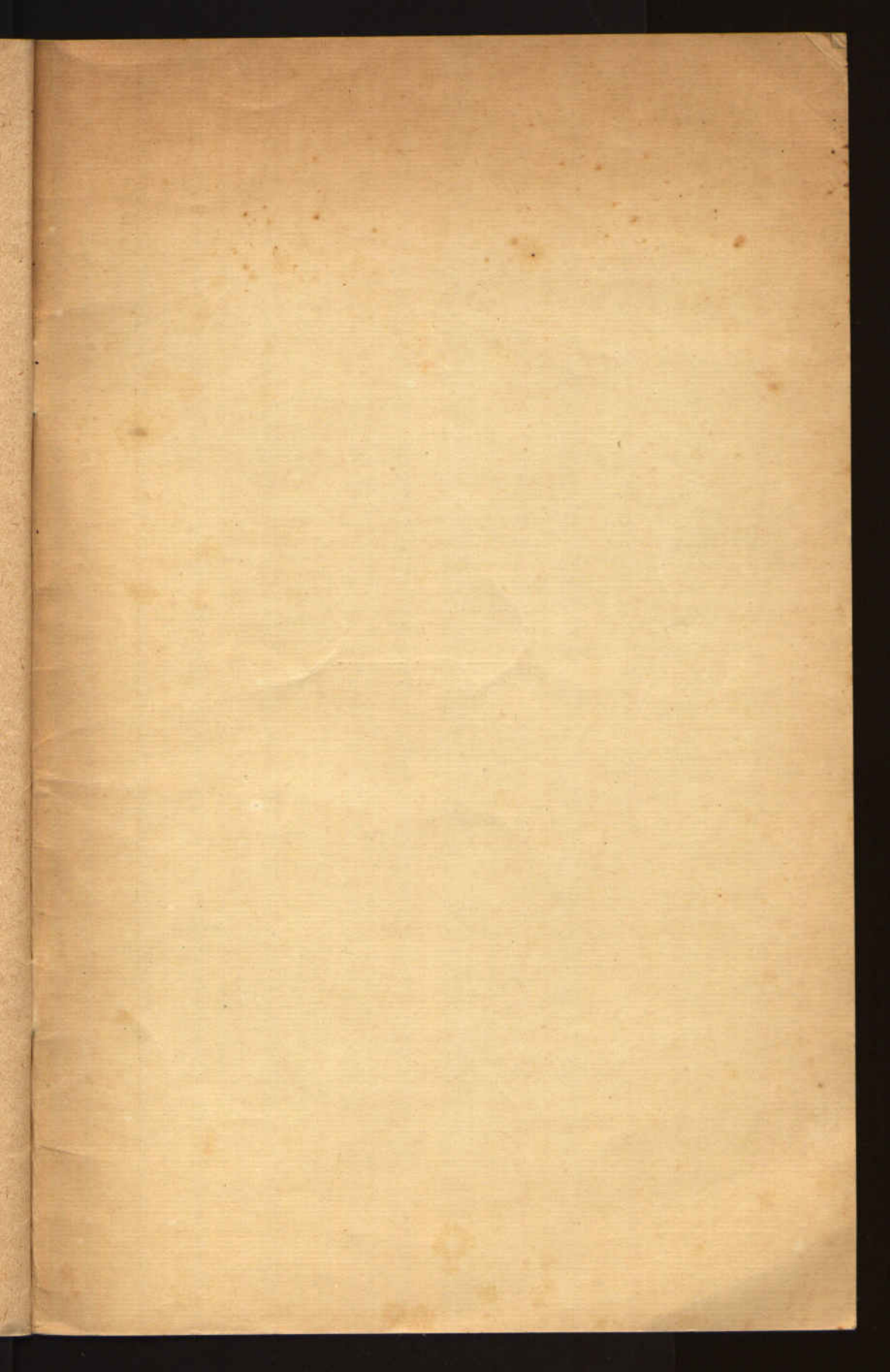
Quando me deram ordem de soltura — fui um dos muito poucos que saíram do Campo de Concentração sem primeiro terem obtido um visto consular para o estrangeiro — um funcionário de alta categoria da S.S. avisou-me que a mais leve indiscrição sôbre a minha vida no Campo de Concentração seria punida com a morte. Vale a pena reproduzir as palavras textuais: «O Nacional-Socialismo não tem motivo para reear a verdade, mas não está disposto a tolerar a divulgação de boatos fantásticos de atrocidades.»

Depois de sair do Campo recebi um aviso que tinha de partir da Alemanha passadas cinco semanas, para nunca mais entrar.

Durante essas cinco semanas ficaria sob a vigilância da polícia e teria que me apresentar diariamente, primeiro na esquadra central de Berlim e depois na do meu distrito. A primeira vez que fui à central da polícia aconteceu um incidente que é típico das condições actuais na Alemanha. Vi-me rodeado por um grupo de funcionários da polícia que me interrogaram com muito interêsse àcêrca de Buchenwald. Lembrando-me das ameaças que me tinham sido feitas ao sair do Campo, ao princípio não quis responder. Os polícias então mostraram-me os seus bilhetes de identidade para afastar as minhas suspeitas e mais uma vez instaram comigo para que lhes contasse quais as verdadeiras condições em Buchenwald, assegurando-me que me não aconteceria mal algum. Então eu narrei-lhes o que presenceara. Os polícias ficaram de tal modo chocados que me interromperam várias vezes. Tais condições, diziam, eram revoltantes e constituíam um escândalo. Frick e Himmler eram os responsáveis e mais ninguém. Afirmaram-me com calor que a polícia nada tinha que ver com os Campos de Concentração, os quais eram dirigidos única e exclusivamente pela S.S.

Eu próprio vivi e sofri aquilo que conto àcêrca de Buchenwald. Estive no Campo apenas seis semanas e por isso a minha narrativa não pode ser considerada como um relatório completo de tudo quanto lá se passa. Sei porém de fonte segura que a maior parte daquêles que foram presos em Junho, ao mesmo tempo que eu, estão ainda internados e que a lista dos mortos aumenta diàriamente.

---



1940  
— COMPOSTO E IMPRESSO —  
NA  
— OFICINA GRÁFICA, LIMITADA —  
RUA DA OLIVEIRA, AO CARMO, 8  
— LISBOA —  
5.000 exemplares — 1-1940

Esc. 2\$50